

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam ...

AD PAUL. 3. 12.

... ad ea quae sunt priora extendens in seipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium  
(triumphi Ecclesiae) ... in Christo Jesu.

10. 13, 14.

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

## RESPOSTA

DO NOSSO SANTO PADRE O PAPA LEÃO XIII

Ao Protesto da Comissão promotora do monumento a Pio IX, o Grande

45989

*Illmo Signyge.*

La risoluzione adóttata dal Clero e dai Fedeli di Guimarães, che meu paghi di aver espresso con apposito Indirizzo i sensi d'indignazione e di dolore prodottisi né loro animi a seguito dei sacrileghi attentati commessi contro la salma del S. Padre Pio IX, vogliono perpetuare la memoria di un tanto Pontefice, innalzandogli una Statua sub Monte di S.<sup>a</sup> Caterina, questa risoluzione, come è ben facile immaginare non poteva a meno d'incontrare il pieno aggradiamento di Sua Santità.

Onorandosi infatti un Pontefice, che illustrò con le sue virtù apostoliche la Cattedra di S. Pietro, e sparse in tutto il mondo le sue benedizioni, si fa opera che ridonda a gloria del Pontificato Romano, e corrisponde conseguentemente alle viste e dai più vivi desiderii del suo successore.

Quindi è che la stessa Santità Sua con animo riconoscente per l'attestato di filiale interesse dato alla sua persona con l'Indirizzo suddetto e per l'omaggio che si vuol rendere alla Sede apostolica con l'ideato monumen'o, imparte di cuore l'Apostolica Benedizione a quanti procurarono di tal guisa un dolce conforto alle amarezze del suo cuore, benedicendo ad un tempo la impresa, cui si va a porre mano, affinché riesca dessa alla maggior gloria di Dio.

Nel manifestare questi sensi dell'animo pontificio, io La invito a farne consapevoli tutti i firmatarii dell'Indirizzo in parola, e mi valgo dell'incontro per dichiararmi con distinta stima.

Di V. S. Illma

Roma 13 Settembre 1881.  
Rev. D. Antonio Manoel de  
Mattos, Arciprete di Gui-  
marães.

Affmo per servirla

L.<sup>a</sup> Cardeal Jacobini.

45989

*Ill.<sup>mo</sup> Snr.*

Os sentimentos de indignação e de dôr, que Sua Santidade se compraz de vêr manifestados no Protesto que lhe fôra apresentado, produzidos pelos sacrilegos attentados contra as venerandas cinzas do S. Padre Pio IX, os quaes moveram o clero e os fieis de Guimarães a adoptar a resolução de perpetuar a memoria de tão grande Pontefice elevando-lhe uma estatua no alto da serra de Santa Catharina, não podiam deixar d'encontrar no animo de Sua Santidade o mais pleno acolhimento, como é facil de imaginar-se.

E na verdade, honrando-se d'est'arte um Pontífice que engrandeceu com sua virtude apostolica a cadeira de S. Pedro e que derramou em todo o mundo a sua beneficencia, realisa-se uma obra que reverte em gloria do Pontificado romano, e que por conseguinte corresponde ás vistas e aos mais vivos desejos de seu successor.

Em virtude d'isto, Sua Santidade, intimamente reconhecida pelo testemunho de filial affecto, consagrado a sua pessoa no mencionado Protesto e pela homenagem que se quer prestar á Sé Apostolica com o projectado monumento concede de todo o seu coração a BENÇÃO APOSTOLICA a quantos procuraram por esta forma suavisar as amarguras do seu coração, abençoando ao mesmo tempo a empreza de que se encarregaram para que d'ella provenha a maior gloria de Deus.

Manifestando estes sentimentos de Sua Santidade convido a V. S.<sup>a</sup> a fazel-os conhecidos de todos aquelles que subscreveram o Protesto e aproveito esta occasião para declarar que sou com distincta estima

De V. S.<sup>a</sup> Ill.<sup>ma</sup>

Aff.<sup>mo</sup> para servil-a

Roma 13 de setembro 1881.  
R.<sup>mo</sup> Snr. Antonio Manuel  
de Mattos, Arcipreste de  
Guimarães.

L. Cardeal Jacobini.

## SUMMARIO:

RESPOSTA DE SUA SANTIDADE O PAPA LEÃO XIII AO PROTESTO DA COMMISSÃO PROMOTORA DO MONUMENTO A PIO IX, o GRANDE.—MAIS UM ANNO, por J. de Freitas.—PRO HONORE MEO, pelo Padre Senna Freitas.—SECÇÃO RELIGIOSA: *Carta Pastoral do Ex.ºm Snr. Arcebispo de Braga, publicando o jubileu extraordinario (conclusão)*; *Tratado da Religião em Geral*, Artigo II, V. de P. P. (continuação).—SECÇÃO SCIENTIFICA: *O homem prehistorico*, pelo Padre F. Sanchez.—SECÇÃO HISTORICA: *O monumento ao marquez de Pimbal, VIII*, por Elias de Sampaio.—SECÇÃO CRITICA: *Coisas! Coisas!*, por um leitor de gazetas.—SECÇÃO LITTERARIA: *Lamento*, poesia, por Joaquim Pestana; *Victor, ou Roma nos primeiros tempos do Christianismo*, pelo P. Gay, traducção do Padre Lima.—SECÇÃO ARTISTICA: *O meu pensar acerca das artes portuguezas no seculo XIX?*, pelo Padre Alfredo Elviro dos Santos (continuação).—SECÇÃO BIBIOGRAPHICA: por A. de Guimarães.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.—*Boletim do Monumento a Pio IX, o Grande*.—*Correio sem franquia*.

## GUIMARÃES 30 DE OUTUBRO DE 1881

## MAIS UM ANNO!

Entra hoje o *Progresso Catholico* no 4.º anno da sua publicação.

Mais um anno se estende ante nós! Um anno mais de sacrificios, que havemos arrostar com a coragem que fez os martyres dos primeiros seculos do christianismo, porque contamos com o auxilio d'Aquelle que nos tem dado forças para segurar até hoje a bandeira catholica que, máu grado dos nossos inimigos, não trem podido derrubar os ventos contrarios, soprados pela impiedade com satanica furia.

Ao entrar no novo anno, fazemol-ousados e destemidos, escudados nas mil provas porque temos passado, como o guerreiro que entra sem receio em campanha quando n'ellas tem encanecido. Sim, os tres annos decorridos desde que hasteamos o nosso pendão prova são de que nos não atemorizam nem as hostes redobradas dos que negam Deus e blasphemam do seu representante na terra, nem as balas eivadas de petroleo e sangue, arremessadas pelo jornalismo liberasta de Portugal.

Combateremos sem treguas, como o havemos feito até hoje, o liberalismo e suas doutrinas, ou elle se apresente pedante nos artigos das gazetas, ou se imponha despotico nos codigos da nação, ou passe através os labios regios do primeiro cidadão portuguez.

O *Progresso Catholico* continuará a ser como até aqui *reaccionario, ultramontano, papista, jesuita, retrogrado*, e tudo quanto lhe quizerem chamar; mas o que elle será, isso affirmamos nós, é o que tem sido nos tres annos findos: DEFENSOR DA EGREJA, PROPAGADOR DAS SUAS DOCTRINAS E INIMIGO DECLARADO DOS INIMIGOS DA PATRIA.

Para prova ahi ficam as publicações catholicas que tem propagado, sobre-sahindo de entre ellas a *Historia Popular dos Papas* e a sua continuação, a *Historia de Pio IX*, e o *Liberalismo Descamascarado*, esplendidos padrões erguidos entre a litteratura patria; e essa

grandiosa idéa, que hoje preoccupa os corações catholicos—o monumento a Pio IX no alto da serra de Santa Catharina, tão bem aceite e tanto a proposito lembrada, é um outro serviço que se deve ao *Progresso Catholico*.

E se assim não fosse, como conservar o titulo que gravára em sua portada? Como progredir, estacionando? Como ser catholico, abaixando as armas diante do inimigo?

A nossa boa vontade vale muito, mas nada pôde sem o concurso de todos os catholicos; agradecendo, pois, a todos que tem ajudado a nossa empreza, conjuramol-os a que redobrem le esforços em prol da causa que defendemos, certos de que pedimos pela causa de todos. Cada numero do *Progresso Catholico* é um soldado do exercito da Igreja, que vac levar o terror ao meio das turbas descrentes, e proclamar ahi as verdades do Evangelho; façamol-o chegar a toda a parte, e bem mereceremos, de Deus e dos homens, todos que n'isso nos occuparmos.

A benção de Sua Santidade o Papa Leão XIII, que occupa as primeiras paginas d'este primeiro numero, dá-nos a santa esperanza de que o novo anno, que se estende ante nós, será cheio de grandes acontecimentos, de magnificos triumphos para a causa que defendemos, de verdadeiro progresso para a nossa Revista.

A vante, pois!

J. DE FREITAS.

## PRO HONORE MEO

Com vista ao publico e ao snr. P.º Chrispim

Até que emfim cá me chegou a Londres n'uma d'estas manhans o folheto do snr. Padre Chrispim Caetano Ferreira Tavares, intitulado—«Exame de um mau livro e resposta a um critico.»

Este critico sou eu, que tive a audacia de criticar a *critica* de S. Rev.ª Constarame, haverá cousa de um mez, que sahira á luz publica o folheto supra, e pedi logo m'º remettersen para

proseguir cordatamente a discussão encetada, no terreno erguido e puro em que eu a collocára. Acabo de recebê-lo, não sem tempo. Está lido e entregue ao limbo. Lei-o foi todo o trabalho que me deu e me dará. Illudi-me, confesso-o, e sinto-o ainda mais pelo snr. Padre Chrispim do que por mim. Aquella resposta desastrada prejudicou-o na sua reputação moral. Triste!

Ninguem desconhece que é sempre lícito contrastar a um juizo critico outro juizo critico, nem quanto a controversia seja util para projectar e accumular sobre uma questão obscura a luz da verdade que se busca. Neste presuppuesto lancei a luva ao snr. P.º Chrispim. Dirigi-me com as mais alevantadas intenções a um collega que julgava cortez; sabe-me um mal educado, que joga de mão de mestre o insulto. Pensei que debaixo do critico havia o cavalheiro; havia estopa mal cardada. Illudi-me, ré-pito-o.

Ao pegar na penna para defender da severissima pécha de *mau livro* uma obra theologica, que para sel-o carece das argutas interpretações de uma critica desabrida, o meu primeiro pensamento foi que não era a um Ennes, nem a um Julio Verim, nem a um Guilherme Dias que me dirigia d'esta vez, senão a um amigo, a um co-operario da mesma faina, a um ecclesiastico honestissimo, e que portanto a minha linguagem devia em tudo e por tudo ser comedida, amigavel, attenciosa. Assim o fiz. Tenho plena consciencia de que o artigo que então escrevi, embora ataque o juizo critico do snr. Padre Chrispim, é, na forma, de uma cordura e de uma deferencia tão accentuadas, que o meu caro collega, incommodado com ellas, lhes chama—*rhetorica*.

Em vista d'isto eu tinha stricto direito a esperar que a replica de S. Rev.ª seria elaborada na mesma linguagem polida, propria do ministro de uma religião de caridade, de um homem mediocrementemente bem educado que, responde a outro a quem elle não tem motivo algum para desestimar e talvez algum para respeitar.

Sucedeu o contrario.

Visitei de crepes o sr. Padre Chrispim, elle pagava-me a visita em camisa e sóccos. Permitta-se á minha dignidade não o receber, nem lhe fallar n'estas condições. Em semelhante trage, é bastante que o meu creado lhe tome a visita.

O sr. Padre Chrispim esqueceu qual era o homem a quem se dirigia, que pelo seu ministerio ao menos tem algum jus á sua consideração; eu espero em Deus que não esquecerei qual o character do meu adversario, e em vez de acudir ao seu convite que me atrahia ao calão da tasca e ás jogralidades do *Antonio Maria*, prefiro não lhe responder. Appello do sr. Padre Chrispim encrespado e grosseiro para o sr. Padre Chrispim bemcreado e sensato. Quando este ultimo me venha visitar, estou promptissimo a rebelar o e a privar com elle. No entretanto pode o primeiro dos dois ir lendo com algum proveito o *Codigo do Bom Tom* de Roquette, que se vende na loja de Ernesto Chardon, aos Clerigos, Porto.

De resto, não vão os leitores julgar que me limito a explicar-lhes a vinheta sem lh'a mostrar. Os que não leram a tal «Resposta a um crítico» do meu contendente (e esses foram tantos!) podem, se a paciencia lh'o permittir, percorrer a seguinte collecção de amabilidades, que me são dirigidas na «Resposta», e que passo a engrazar a medida que me vão correndo pela vista.

S. Rev.<sup>a</sup>, parecendo confundir educação com rhetorica, interpella-me bruscamente com esta phrase séca: «escutava-se tanta rhetorica», no meio de um periodo em que eu dizia: «como a boa camaradagem e a amizade são perfeitamente compatíveis com uma discussão comedida no terreno elevado dos principios etc.» Parece que eu já advinhava, quando traçava aquellas expressões que irritam os nervos dos que as não comprehendem e são a condemnação dos que as desmentem.

Diz-me que o que eu sei é «chicanar», que sou «mais forte em chicanas que em philosophia», «muito forte em palavrado e chicanas», «tão forte n'ellas, que se chicanas fossem provas, ninguém provaria melhor do que eu». Alirame com este epitheto á cara cinco ou seis vezes em meia duzia de paginas; é o estribilho da sua refutação, a sua arma offensiva predilecta.

Seja. Perdão-lhe a descaridade e talvez a falsidade, meu bom amigo; fique tranquilo a este respeito. Assim o Cardeal Saraiva lhe perdõe o gallicismo.

Diz que «me cubri de ridiculo ao fallar em anathema», que o «calumniou perfidamente» (que tal?!). Diz mais, que a minha linguagem, quando falla em «accepção oratoria» é «de um ridiculo e de um pedantismo inqualificaveis.»

(PEDANTISMO! Este homem tem-me forçosamente por um santo para me alculhar de trapaceiro, mas para me chamar *pedants* é preciso querer-me fazer santo martyr a força, tomando elle o papel do algoz. Sinto as crispções de uma viviseccão, mas... contenho-me.)

Os meus argumentos classificam-os de «fallacias»; adianta-se sem escrupulo a afirmar que «é mister contar muito com a ignorancia dos leitores para ouisar escrever o que escrevi», donde se segue em bom portuguez que sou um charlatão. Passa-me folha corrida de leitura em patrologia. Diz-me: «Leu, por exemplo, o sr. Padre Senna Freitas as obras de S. João Chrysostomo que cita?»

Não: agarrou a dente (isto não se acredita, e se a «Resposta» do sr. Padre Chrispim não fosse d'hontem, diria que era um escripto espurio de quem lhe tinha osgra) e atirou nos com elle.

«Quando falla dos Padres da Igreja é para armar ao effeito e não porque se tenha cansado muito em os lér.» É espantoso como este Argus conhece a minha vida. Sabe mais de mim que eu mesmo, que julgava saber que por oito annos me andavam sempre os Santos Padres nas mãos, como professor de Exegese biblica que fui no seminario do Caraça, no Brazil, e que euclhi de trechos patristicos copiados vinte e tres cadernos, dos quaes alguns foram escriptos, sob minha direcção, pelos meus ex-alunos do Collegio de Santa Quitéria. Mas surprendo-me a justificar-me e a responder sem querer. Quem de certo leu todos os padres da Igreja, que consistuem mais de cem volumes *in folio*... foi o sr. Padre Chrispim, e tanto assim que elle não trepida desafiar-nos a que apresentemos um Padre da Igreja que empregasse uma linguagem parecida com a do Padre Lambert no livro criticado. Ah! minha penna moderatete! Tome o sr. Padre Chrispim... o que quizer, que eu tomo agua benta, e *in viam pacis*, adiante.

A respeito das instrucções que se encontram no principio do *Index* faz-me tambem uma allusão transparente, e diz-me um pouco mais em estylo cortez, que as não li. Não li, não senhor; e como queria que as lesse se só S. Rev.<sup>a</sup> tem o direito de o fazer ou aquelle a quem na sua generosa munificencia o meu amigo conceder faculdade para isso?...

Isto basta, leitores. Fechemos o guarda chuva.

E' claro que o meu decóro não me permite enristar armas com o sr. Padre Chrispim no terreno baixo e insalubre á que elle apeou a questão. Por que sou padre não deixo de ser homem, e se esquecer a offensa é humildade, pactuar com ella é abjecção.

A minha penna por vezes acrimonio-

sa mas nunca chula, guardo-a para os inimigos da minha mãe, a santa Igreja catholica e contra os que não teem já nada a perder na opinião publica; repugna-me soberanamente manejal-a contra um padre, um collega que, apezar de tudo, me merece respeito, e que julgo sufficientemente humilhado pelos plebeismos a que resvalou a sua pena, olvidada por um momento do *estyllo theologico* que lhe é peculiar.

Não é que eu me subtraia á discussão. O ensaio é facil. Responda-me o sr. Padre Chrispim de um modo digno e polido (como ja alias lh'o aconselharam alguns jornaes) e eu *imediatamente* publicarei a minha contra-resposta em fórma.

A defeza de S. Rev.<sup>a</sup> é tão *vulneravel*, segundo *ambos* o sabemos, que a minha ignorancia chega para lh'a encravar, sem gloria para mim, nem usar de grandes trapacas, perdão, *chicanas*. Tenho na mão preciosos documentos, a que S. Rev.<sup>a</sup> por certo não responderá; só se responder a si proprio... Isto fica *aquí* entre nós dois.

Ou então outro expediente.

Permitta-me expressamente S. Rev.<sup>a</sup> que lhe replique na mesma corda, ou segundo o diapásão um tanto agudo da sua «Resposta». Collocando se voluntariamente o meu amigo no banco dos Ennes, é bem possivel que eu, não recendo mais fallar á caridade, tome o logar de um pobre diabo, que escreveu para ahí em tempo—«Os lazaristas pelo lazarista sr. Ennes». Não me dispensarei n'esse caso de responder directamente aos argumentos de S. Rev.<sup>a</sup>, mas, de conserva, irão tambem algumas verdades gordas e boas, que me estão mesmo cahindo dos bicos da penna, de maduras, e de que farei presente a S. Rev.<sup>a</sup>, se a sua modestia as não rejeitar. Ninguem lh'as disse ainda, e creia, collega, haviam de lhe ser uteis.

Ah, meu padre Chrispim Caetano, a minha resposta depende mais de si que de mim. O leitor sabe que não é para o estylo satyrico que tenho menos embocadura, se para alguma cousa a tenho. Não me gabo d'isso: é uma doença organica, que lhe hei-de fazer?

E todavia, como aqui o principal ouvinte é o publico; para que elle não vá pensar que o despeito, tão opposto ao Evangelho, entrou em meu coração, abraça-o publicamente, meu padre Chrispim, o seu collega mais indigno que indignado

Londres, 4 de outubro de 81.

P.º SENNA FREITAS.

## Secção Religiosa

### CARTA PASTORAL

DO EX.<sup>MO</sup> E REV.<sup>MO</sup> AGR.

ARCEBISPO DE BRAGA,  
PRIMAZ DAS HESPAÑIAS

DOM JOÃO CHRYSOSTOMO DE AMORIM PESSOA

Publicando o jubileo concedido  
pelas letras apostolicas em forma de breve

MILITANS JESU CHRISTI ECCLESIA

DO

SS. PADRE LEÃO XIII

(Conclusão)

Como é bello, meus filhos em Jesus Christo, o quadro d'esta famosa peregrinação offerecida à contemplação do orbe catholico! Como é admiravel a sabedoria de Deus em todas as suas obras! Como deve ser agradável e proveitosa a todos os filhos da Igreja Catholica a confrontação dos acontecimentos que acabamos de vos referir! Adoremos o poder de Deus, e demos-lho infinitas acções de graças, pelo modo, todo sobrenatural, como elle dá à sua Igreja, no meio das perseguições, que a circundam, o vigor e a força necessaria, para augmentar, espalhar a sua benefica influencia, e mostrar todo o seu esplendor entre os povos, que ou a infidelidade, ou a heresia lhe haviam feito perder.

Desde o principio d'este seculo que se observa uma grande reparação das perdas, que a Igreja Catholica soffrerá nos seculos anteriores com a heresia do Protestantismo, com as doutrinas dos Encyclopedistas, e com os esforços de varias sociedades secretas, inimigas de Deus e do seu Christo.

Na perseguição feita à Igreja Catholica pela Revolução franceza milhares de sacerdotes foram mortos ou expatriados, a Inglaterra, porém, recebeu compassiva centenas d'estas victimas innocentes e pacificas, e nós sabemos que a semente da palavra divina, lançada na terra dos Santos, por estes operarios da fé, tem sido tão abençoada e fecunda, que o Santo Padre Pio IX pode estabelecer na Gran Bretanha a hierarchia Ecclesiastica devidamente organizada, e de certo modo politicamente reconhecida.

As antigas leis sanguinarias contra os catholicos estão abolidas: as portas da Representação Nacional acham-se abertas para todos, as conversões succedem-se sem interrupção: nobres, ministros do culto protestante, professores das universidades, homens de todas as classes da sociedade ingleza voltam ao aprisco, ao redil da Igreja Catholica, e

a qualidade de catholico não é hoje felizmente um obstaculo para occupar as posições sociaes mais eminentes e servir os empregos da maior importancia e da mais illimitada confiança n'aquelle paiz. Lord Rippon é Vice-Rei no vastissimo imperio inglez das Indias Orientaes.

O sultão de Constantinopla, renunciando ao triste papel de perseguidor, que tantos dos seus antecessores infelizmente representaram, acha-se de bom accordo com a Sé Apostolica, e tem cessado as accusações contra a sublime Porta, em outros tempos bem justificadas. O governo d'este imperio, cuja perda desde muitos annos está prevista, e já pelo padre Rohrbacher calculada na sua Historia Geral da Igreja, sabe que os catholicos seus subditos não se reúnem, não tramam, não conspiram contra elle; porque como é o seu dever, cumprem o preceito de S. Paulo, que nos manda respeitar as leis e as auctoridades constituídas não só por causa do temor do castigo, mas tambem por motivo da consciencia.

O Alcorão, porém, é intolerante, e o Evangelho conserva agora ali em paz os seus discipulos; mas por em quanto não poderá estender, como muito é para desejar, as suas conquistas.—Mas, onde o Alcorão deixa de ser uma lei, a reparação das perdas, que a cimitarra de Mahomet causara à Igreja Catholica, é prompta, é rapida, é maravilhosa, e o Santissimo Padre Leão XIII, de accordo com o Imperador da Austria, tem restabelecido a hierarchia ecclesiastica nas provincias bosniaca e herzegoviana; e será ainda a França! perseguindo e expatriando uma grande parte do clero Catholico, que proverá de sacerdotes e de missionarios estas bellas provincias, restituídas ao seio da Igreja catholica, sua mãe carinhosa.—

Ao lado da Turquia outro imperio mais vasto, mais povoado e mais poderoso tem sido n'estes ultimos tempos o objecto de especiaes cuidados da Sé Apostolica. A Russia insensivelmente se aproxima do Papado Romano; e nós, meus filhos em Jesus Christo, sem de modo algum querermos entrar no campo da politica, poderíamos facilmente mostrar, que esta approximação deverá ter um grande alcance moral e religioso. Alexandre III, ameaçado hoje por aquelles mesmos que hontem assassinaram seu pae, não terá todo o interesse, para defender a sua propria existencia, e o povo do seu imperio, em fazer causa communem com o Representante mais natural e mais eminente do principio de au-

(1) Ideo subditi estote non solum propter iram, sed etiam propter conscientiam.—S. Paulo ad Rom. 13—5.

(2) Liv.—42.

toridade conta a revolução, sua inimiga declarada?—

O imperador da Russia sabe perfeitamente que os catholicos, pertencentes ao seu imperio, não têm entrado na criminosa conspiração contra a sua vida, e entre um grande numero de subditos da Russia, que já têm sido julgados cúmplices na guerra de morte feita aos soberanos d'aquelle imperio, não consta que tenha sido encontrado algum catholico romano.

Depois das negociações abertas em Vienna d'Austria, sendo alli Nuncio Apostolico o Em.<sup>mo</sup> Cardeal Jacobini, o governo da Russia resolveu enviar a Roma o Sr. Boatenief para continuar estas negociações. Um outro diplomata tem sido encarregado officialmente de annunciar ao Santissimo Padre Leão XIII a elevação do seu soberano Alexandre III ao throno de seus antepassados. Os Duques Sergio e Paulo, irmãos do imperador, e o Gran Duque Constantino da Russia vêm a Roma, visitam o Santissimo Padre, assistem à solemnidade d'uma Capella Papal, e são recebidos com todas as honras, devidas ao seu nascimento e à elevada categoria, que lhes pertence na sociedade civil; e para maior testemunho da boa vontade do governo da Russia para com a Sé Apostolica, o conde d'Obril, que tinha aberto as negociações em Vienna d'Austria, e que fôra enviado a Roma, onde já se achava elevado à posição de Secretario d'Estado o Em.<sup>mo</sup> Cardeal Jacobini, é catholico. É esta circumstancia é mais do que uma prova da boa vontade do governo da Russia para com a Sé Apostolica; é um testemunho certo e de subido valor da deferencia, da cortezia, do respeito de Alexandre III para com o Vigario de Christo na terra.

No imperio d'Allemanha se a paz religiosa ainda não está inteiramente concluida com a Igreja Catholica, pelo menos tem já abrandado muito o rigor das leis, promulgadas contra ella.

Na Hespanha, são acolhidos benignamente os sacerdotes expulsos da França; porque a Hespanha, apesar das corporações religiosas que já possui, ainda tem necessidade de missionarios para as suas colonias riquissimas, e entre nós, em o nosso Portugal, n'este jardim da Europa, plantado à beira do oceano, começa a raiar a aurora d'um dia, que será bello, brilhante e glorioso para o provimento das numerosas missões portuguezas nas vastas possessões ultimas, que felizmente ainda possuímos, e que constituem o mais solido fundamento da nossa independencia nacional; no nosso Portugal começa a raiar a aurora de um dia bello, brilhante e glorioso, no qual o nosso padroado de direito, cumpridas as obrigações do Pa-

droeiro, possa e deva considerar-se também de facto.

Foi n'estas condições, repetimos, da vida exterior da Igreja Catholica, que o Santissimo Padre Leão XIII nos conselhos da sua sabedoria, e da sua consumada prudência levantou seus olhos ao céo, implorou confiadamente o seu auxilio, e decretou a publicação do presente Jubileu extraordinario e universal.

Sabedor do valor da efficacia da oração na presença de Deus, que nos manda orar sempre <sup>(1)</sup>, desejou, como pae amantissimo, que todos os seus filhos se unissem em suas orações, e mostrassem por esta forma a sua união espirital; e para este fim, abrindo o thesouro inexgotavel da Igreja, repartiu abundantemente das graças e indulgencias, que elle contém, concedendo este famoso jubileu, que vos annunciamos, como é nosso dever, e do qual vós, meus filhos em Jesus Christo, podeis aproveitar-vos até ao primeiro dia inclusivê do mez de novembro do presente anno.

E nós estamos muito certo, que vos aproveitareis; pois que em todos os tempos e todos os modos os fleis da Igreja Bracarense têm sempre dado testemunho da sua fé, da sua piedade, e do seu filial amor para com a Santa Igreja Catholica Apostolica Romana.

Logo no principio do Christianismo, quando a raiva dos scribas, a malicia das seitas judaicas, o odio dos imperadores e magistrados romanos começaram a perseguir os christãos para os exterminarem, e acabarem com a Igreja nascente; quando o Principe dos Apostolos, o Vigario de Christo na terra se achava preso e acorrentado nos carcereiros de Roma, os fleis uniram-se em espirito pela oração, e foi ella tão poderosa e tão agradável a Deus, que um grande milagre foi operado, e a mystica barca de Pedro não sossobrou n'esta tão horrivel tormenta.

Aproveitai-vos pois, meus filhos em Jesus Christo, das graças e indulgencias concedidas por este grande Jubileu. Quem sabe se na vossa vida tereis outra occasião mais propria para vos reconciliar com a justiça divina offendida pelos vossos peccados? Quem vos pôde assegurar que ainda gosareis das graças e das indulgencias concedidas por outro jubileu?

Pela nossa parte faremos tudo quanto for possível, para que os fins, que o Santissimo Padre Leão XIII teve em vista n'esta tão ampla concessão, sejam conseguidos; e, durante o tempo do Jubileu, damos a todos os sacerdotes, devidamente habilitados para confesores, todas as faculdades em ordem do sacra-

mento da penitencia, que por direito lhes podemos dar a conhecer.

Não podemos fazer mais; mas também não deviamos fazer menos.

Do intimo da nossa alma, e com toda a effusão do nosso coração, vos damos a nossa Bênção Pastoral em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.

*Benedictio Dei Omnipotentis Patris et Filii et Spiritus Sancti, descendat super vos, et maneat semper. Amen.*

Os Revd.ºs Parochos lerão a Missa Conventual esta nossa Carta Pastoral, e depois a registrarão na forma do estylo.

Dada e passada sob o nosso signal e sello das nossas Armas em o Paço Archiepiscopal de Braga aos 15 dias do mez de agosto de 1881.

João, Arcebispo Primaz.

## TRATADO

DA

## RELIGIÃO EM GERAL

### ARTIGO II

#### A religião é necessaria á sociedade

(Continuado do n.º antecedente)

#### XIX

Ora, a constituição, as leis, os costumes que não tivessem outro apoio que a vontade de homens, não poderiam consolidar a sociedade, nem tornal-a prospera e capaz de concorrer para o bem-estar da humanidade. Supprimi a religião do juramento, apagai a ideia de um Deus vingador do crime e da traição, e a constituição, tirando-se-lhe assim a sua base, tornar-se-ha impotente ora contra o despotismo e tyrannia dos soberanos, ora contra a insubordinação

ou revolta dos subditos. Acabou-se então a razão dos direitos e deveres, quer da parte dos reis para com os povos, quer da parte dos povos para com os reis. Vigora a lei do mais forte, e nem as suas obrigações reciprocas, senão o que poderão valer uns contra os outros. «O principe, diz Montesquieu, que teme a religião e a odia, é como as feras bravas que mordem a cadeia que as não deixa lançarem-se aos que passam. Quem não tem de todo religião nenhuma, é como animal terrivel que não sente liberdade senão quando dilacera ou devora <sup>(1)</sup>.» Que viria a ser d'um povo com um czar impio á sua frente, ou que, usurpando o poder do legisla-

dor supremo, quizesse dominar as consciências e arrancar-lhes as convicções?

«Se este mundo fosse governado por atheus, diz Voltaire, o mesmo valeria que estar sob o imperio immediato d'esses seres infernaes que nos pintam encarnicados contra suas victimas <sup>(2)</sup>.» Que viriam a ser, por seu turno, os monarchas mais dedicados á felicidade de seus povos, se elles só tivessem de governar atheus ou pantheistas? Não teriam de receiar de ser *legalmente* condemnados ao cadafalso? Não, sem religião, não ha constituição que subsista.

#### XX

Invocareis o juramento? Mas o juramento é uma cousa sagrada, *sacramentum*, um acto de religião, pelo qual se toma por testemunha o proprio Deus como vingador do perjurio: invocal-o seria pois uma contradicção, uma zombaria. Tereis recurso no pacto social que existe entre os cidadãos e o chefe do Estado? Mas, fora da religião, esse pacto, seja elle como for, solenne ou não, expresso ou tacito, não será jamais considerado como obrigatorio senão por aquelles a quem interesse o ser respeitado. Dareis valia á consideração do bem geral? Mas em nome do bem geral, é que os despotas escravisariam sempre os povos, e os revolucionarios deposeram sempre os reis, e os cidadãos se teem passado á espada. Appel-areis então para o suffragio do paiz? Mas os cidadãos dividir-se-hão, porque os divide o interesse pessoal, o facho das guerras civis accender-se-ha, e a anarquia, o mais terrivel de todos os flagellos, levará a toda a parte a desolação. É pois necessario, absolutamente necessario, que a religião intervenha como sancção de toda a constituição politica, sob pena de estar compromettida a ordem social e a felicidade dos povos.

#### XXI

Com as leis acontece o mesmo que com a constituição; só a religião as torna obrigatorias; todo o poder vem de Deos, *non est potestas nisi a Deo* <sup>(3)</sup>; em virtude d'este poder que lhes vem de cima, posto que indirectamente, é que os reis governam e os legisladores repartem a justiça: *per me reges regnant, et conditores legum justa decernunt* <sup>(3)</sup>. No systema contrario, ninguem tem direito de mandar, ninguem está obrigado a obedecer. Os homens podem propôr aos povos bellas leis; mas essas leis não teem vigor, porque são humanas e carecem de auctoridade superior, que é a

<sup>(1)</sup> Sine intermissione orate.—*I ad Thet.* cap. 5. v. 17.

<sup>(1)</sup> Espirito das leis.

<sup>(1)</sup> Homilia sobre o atheismo.

<sup>(2)</sup> Epistola aos Romanos, c. XIII.

<sup>(3)</sup> Proverbios, c. VIII, v. 15.

de Deus. Ninguem se sujeita, porque quem ouve cre-se tanto como quem manda. D'aqui a desconfiança dos cidadãos de que os legisladores consultarão primeiro os seus interesses que os do povo, e a desconfiança dos legisladores de que os cidadãos, em vez de obedecerem, não cedam senão a força, como a uma necessidade physica. D'aqui passarão as leis a ser uma mera occasião de luctas incessantes entre o chefe e os membros da sociedade; d'aqui o imperio do terror, para arrancar ao medo o que em vão se pediria á consciencia. Direis que isto é bastante para a manutenção da ordem? Não, isto não é bastante: não é conforme com a ordem a anarchia reinar em todos os animos, e os que mandam e os que se julgam escravizados estarem constantemente em opposição uns com outros, posto mesmo que o poder esteja de cima:

«A tranquillidade do Estado sob o despotismo, diz Rousseau, é a tranquillidade da morte; é mais destructiva que a propria morte.» Para uma sociedade estar em condições convenientes, ha de haver socoço, um socego real, e solidas garantias de segurança publica.

(Continúa).

V. DE P. P.

## Secção Scientifica

### O HOMEM PREHISTORICO

As questões prehistoricas estão na ordem do dia, e o «Progresso Catholico», a não crer desmentir o lemma que lhe serve de norma, não pôde ser alheio ás interessantissimas investigações d'uma sciencia (1) que conta apenas alguns annos de vida e esta bastante atribulada, é certo, mas que nem por isso perdem de importancia os esforços empregados e alguns passos já andados para averiguar o berço da especie humana, o seu primitivo estado, o que pensavam e como viviam os primeiros homens, o modo como se formaram as raças humanas, etc.

E' verdade que o nosso dilectissimo amigo Padre Senna Freitas, com aquella proficiencia que todos lhe reconhecem, já ventillou nas columnas d'esta Revista algumas d'aquellas questões; mas ao passo que elle, piloto experimentado, se atirou aos altos mares da sciencia, não receiando tufões nem cachopos, eu, marinheiro bisonho, navegarei desde já peço venia d'estas minudencias.

(1) A Prehistoria que Salles e Ferré define: a sciencia que estuda os factos das raças humanas anteriores á historia positiva.

por me acercar d'aquelles leitores cujos conhecimentos n'esta especialidade sejam nullos ou quasi nullos.

Estes assumptos, que se recomendam pela novidade, são hoje de um interesse capital para o catholico, attendendo a que é em nome da Anthropologia e do estudo do homem nos tempos prehistoricos que se tem pretendido convencer a Biblia de falsidade.

Nos artigos que escrevimos sobre a origem do homem com a epigraphie *O homem-macaco* já vimos como a primeira d'aquellas sciencias respondia ás estultas pretensões do materialismo scientifico.

Veremos se são mais felizes com a Prehistoria.

O livre pensamento, accusando a metaphisica de sonho vão, intrincheirou se n'este campo onde predomina a observação, a imaginação e... a má fé.

E' preciso, pois, não o deixar tomar posse d'um terreno que tanto é nosso como d'elle, pondo todo o cuidado em lhe desfazer as barricadas para que nos não faça fogo traiçoeiro.

Rosto a rosto é que se batem os valentes. Pelo que me diz respeito, com toda a franqueza o digo, sou um poltrão, mas protesto jamais fugir... á evidencia dos factos.

Os tempos prehistoricos dividem-se, segundo a opinião mais geralmente aceite, em tres grandes epochas: *idade da pedra*, (que se subdivide em *paleolithica* ou da *pedra lascada* e *neolithica* ou da *pedra polida*) *idade do bronze* e *idade do ferro*. Todavia não é possível dizer precisamente onde começa a Prehistoria. Uns tomam como ponto de partida o *homem terciario*, dando como provada a sua existencia; outros, negando-a, principiam os tempos prehistoricos no *homem quaternario* (1); outros....

Mas antes de passar adiante parece-me justo apresentar algumas noções preliminares para bem comprehendermos o que se entende pelas expressões —homem terciario e homem quaternario.

Como me dirijo principalmente aos que poucos ou nenhuns conhecimentos especiaes tem d'estas materias, o meu dever é tornar-me o mais claro possível.

Aos *sabios* a quem tambem terei uma vez ou outra de me dirigir, a esses desde já peço venia d'estas minudencias.

(1) Quer o homem terciario, quer o homem quaternario pertencem á epocha paleolithica.

E pondo agora de parte os palavrados, vamos ao que serve.

Perfurando nós verticalmente a crusta terrestre, observamos que esta crusta é formada de duas especies de rochas (1) ou massas mineraes bem distinctas.

Na parte inferior observam-se massas compactas de rochas de textura crystallina irregularmente dispostas, no interior das quacs não se encontram restos de seres organizados.

A estas rochas, que formam como que o esqueleto do globo, deram os geologos o nome de *não estratificadas* ou *igneas*, por ser geralmente admittido que foram primeiro liquificadas pela acção do fogo e que só depois de terem sofrido esta fusão é que lentamente se resfriaram. E' claro, pois, que no tempo da sua formação era impossivel a vida sobre a terra. A theoria é confirmada pela observação—no interior das quacs não se encontram restos de seres organizados.

As rochas não estratificadas seguem-se as *rochas estratificadas* ou de *sedimento* ou *neptuninas*, porque os materiaes de que ellas se compõem foram depositados e nivelados pelas aguas.

São estas rochas compostas de camadas sobrepostas debaixo para cima, ou estratificadas, contendo restos de animaes e de vegetaes.

As rochas não estratificadas formam os *terrenos primitivos* e as rochas estratificadas os *terrenos sedimentares*. (2)

E' d'estes ultimos que vamos occupar-nos.

N'aquellas partes da crusta terrestre onde não houve alteração, as camadas sedimentares são parallelas e horisontaes, não offerecendo a menor duvida a ordem de successão. Torna-se, pois, facil classificá-las pela ordem de sua antiguidade.

Segundo a escola geologica franceza, os depositos sedimentares estão divididos em quatro grandes divisões, que, a partir da mais antiga para a mais moderna, se denominam: *terrenos primarios*; *terrenos secundarios*; *terrenos terciarios* e *terrenos quaternarios*.

(1) Na linguagem vulgar a palavra rocha indica a idea de dureza, de solidez e de volume, mas na geologia não só indica massas mineraes consistentes, como os granitos, mas tambem as que tem pouca consistencia, como as areias e as argilas. E' no sentido geologico que a empregamos.

(2) Em todos os terrenos sedimentares se encontram restos organicos, ou vestigios d'estes, a que se dá o nome de *fosséis*, sepultados naturalmente nas camadas do globo terrestre e provenientes de seres organizados existentes na epocha de formação do terreno que os contem.

São como que testemunhas mudas da vida á superficie do globo em tempos remotos. Paleontologia é a sciencia que descreve e classifica os fosséis.

Cada um d'estes terrenos ainda se divide em grupos ou formações.

Assim os terrenos terciarios dividem-se em tres formações, a saber: terreno terciario inferior ou *cocene*; terreno terciario medio ou *miocene*, e terreno terciario superior ou *pliocene*.

Os terrenos quaternarios, chamados tambem terrenos de *alluvião* ou de *transporte* dividem-se em dous andares: terrenos de *alluviões antigas* ou terrenos *diluvianos*, assim chamados porque distinctos geologos veem n'elles uma prova do diluvio universal de que falla a Biblia, e terrenos de *alluviões modernas*, ou terrenos *modernos*.

Estes ultimos são tambem considerados por alguns geologos como formando por si só uma grande divisão, independente dos terrenos quaternarios.

Postos estes principios, com os quaes teremos de jogar no decurso d'estes artigos, não será agora difficil dar uma idea nitida d'aquellas expressões que nos chamarão a attenção.

Se em alguma camada não revolvada dos terrenos terciarios ou quaternarios apparecerem restos da especie humana ou simplesmente objectos e instrumentos da sua industria <sup>(1)</sup>, não haverá duvida de que o homem foi contemporaneo da formação d'esses terrenos; e d'ahi a denominação muito apropriada do homem terciario ou quaternario.

(Continúa)

P.º F. SANCHES.

## Secção Historica

### O monumento ao marquez de Pombal

(Continuação do n.º 23 do 3.º anno)

VIII

Repetimos hoje o que já em outro artigo disseramos: que nos custa revolver a historia de Sebastião José de Carvalho e Mello, e apresentar á luz da publicidade as numerosas crueldades que o seu genio, ou os costumes do seu tempo o levaram a praticar; e mais nos custa ainda por sabermos que os descendentes do marquez de Pombal constituem uma familia das mais respeitaveis do nosso paiz, não só pelos titulos nobiliarchicos que a distinguem entre a nobreza d'estes reinos, como tambem pelos sentimentos religiosos de todos os

(1) Isto pela simples razão de que não ha effeito sem causa, ou artefacto sem artista. Talvez isto parece um pouco metaphisico a certos *sabios* que vendo a estapenda machina dos mundos não *querem ver* o Supremo Artista que os criou.

seus membros, podendo-se apontar na capital da monarchia, como as familias mais catholicas, as que descendem do ministro de D. José I. E seria bastante o respeito que como catholico devemos a essas nobilissimas pessoas, para deixarmos em paz, no silencio do tumulo e na vida eterna, o corpo e a alma do homem de que nos temos occupado em varios artigos; mas o cynismo com que a Revolução e os seus homens quer fazer alarde do quanto adora o marquez de Pombal pelo facto unico de ser o algoz da Companhia de Jesus, impelle-nos a penna e obriga-nos a apresental-o á luz publica com todas as suas crueldades, com todos os seus despotismos. E fomos de proposito folhear a Historia do sr. Pinheiro Chagas, porque é esta, a que mais nos ensina a odear, a menosprezar a memoria do homem a quem a Revolução, a maçonaria portugueza quer levantar uma estatua, quer perpetuar em um monumento. E não só por isso, mas ainda porque o sr. Pinheiro Chagas, o homem que com mais ardor escreveu as crueldades do marquez de Pombal, faz parte da commissão promotora do mesmo monumento, contra a realisação de cujo pensamento protestou em nome de toda a familia um parente do marquez, que é, com orgulho o dizemos, um dos mais denodados campeões da causa catholica em Portugal.

Continuamos, pois, a levantar pedras para o monumento, fornecidas pelo sr. Manuel Pinheiro Chagas, para provarmos, ou que o sr. Pinheiro Chagas mente na sua historia, quando se occupa das crueldades do marquez de Pombal, ou que a maçonaria e o liberalismo portuguez não são mais que dois ramos lhos de uma mesma arvore a cuja sombra se acoitam todos os homens que professam as mesmas idéas, os mesmos odios, as mesmas vingancas, os mesmos desprezos por tudo que ha de mais venerando, de mais respeitavel sobre a terra, que professava, ou que o sr. Pinheiro Chagas diz professava o marquez de Pombal.

Para isso vamos abrir a mencionada historia e das linhas que copiarmos, formaremos a

**Oitava pedra para o monumento que o Progresso Catholico ergue ao grande marquez de Pombal:**

«Carvalho, em toda esta questão, que diz respeito á revolta do Porto, mostrou o desprezo mais completo pela razão, pela justiça e pelos dictames da consciencia.

«Como dissemos, foi no dia 11 d'outubro de 1757 proferida a sentença condemnando a pena de morte 21 homens, entre elles o innocentissimo juiz do po-

vo, e 5 mulheres; a pena de açoites e confiscação de metade dos seus bens 26 homens; a pena de açoites, degredo para Angola e Benguella, e confiscação de metade dos bens 8 homens e 9 mulheres; a pena de degredo para Angola e confiscação 3 homens e 1 mulher; a degredo para Mazagão, e confiscação da terça parte dos bens 9 homens; a degredo para Castro-Marim e multas 3 homens; a degredo para Castro-Marim e confiscação da quarta parte dos bens 9 mulheres; a degredo para Africa e confiscação da quarta parte dos bens 22 homens; a degredo para fóra da comarca e confiscação da quinta parte dos bens 26 homens e 5 mulheres; a 6 mezes de prisão e a varias multas 54 homens e 9 mulheres; foram condemnados a ir ver as execuções 17 impuberes do sexo masculino; foram absolvidos 32 homens e 4 mulheres; foram mandados soltar durante o curso do processo 183 homens e 12 mulheres; foram condemnados a degredo para os estados da India 4 homens; foram emfim remetidos aos tribunaes ordinarios, para serem condemnados como réos de delictos communs 16 facinoras que tinham andado envolvidos no motim.

A sentença de pena capital foi executada logo no dia 14 d'outubro, tendo-se comtudo esquivado a ella 8 dos 21 condemnados masculinos, que tinham conseguido fugir para fóra do reino, e 1 das mulheres, que estava grávida quando foi promulgada a sentença. A lugubre estatística d'este processo dá-nos por conseguinte como condemnados a diversas penas, de morte, de degredo, de açoites, de confiscação, e de multa 199 homens e 38 mulheres, total 237 pessoas. Sairam livres das cadeias 215 homens e 16 mulheres, total 231.

Era desproporcionadissima a punição com o delicto, e Sebastião de Carvalho veio a senti-lo, o que bem se evidencia pela satisfação indirecta dada á opinião publica com a prisão de José de Mascarenhas, o infamissimo escrivão da alçada. Sebastião de Carvalho soubera das torpezas que elle praticára, soubera que elle se servira do seu cargo e da sua autoridade para satisfazer as suas sedes impudicas, mas não podia dar-lhe uma demonstração do desprezo que forçosamente havia de sentir por elle, pois que d'essas torpezas fóra cúmplice involuntario, mas não innocente, porque, recommendando-lhe a crueldade e a illegalidade, ficava com as mãos presas, e não o podia punir por ter ultrapassado os limites da razão d'Estado e ter-se entregado ás suas vindictas pessoas.

«A sanguinaria repressão dos tumultos portuenses foi uma das grandes maculas da adiministração do marquez de

Pombal. O sangue d'esses pobres populares, que tinham feito um protesto violento mas sem graves excessos contra uma instituição que os opprimia, tingiu de vermelho as primeiras paginas da historia do grande marquez. Não foi, repetimol-o, não foi a defesa da companhia que levôu Sebastião de Carvalho a proceder de tal modo, foi o desejo de suffocar para sempre as aspirações revolucionarias da cidade do Porto, foi a vontade firme de quebrar todas as resistencias, imperando pelo terror, e dando um sinistro exemplo aos que ousassem contrariar as suas vontades.

Aos olhos d'elle, que tinha a consciencia de que só queria e só desejava o bem do paiz, aos olhos d'elle a razão d'Estado absolvía tudo, e os criminosos eram os que obstavam a que elle realisasse as profundas reformas que tinha na mente, e que deviam transformar a administração portugueza. Nós porém, que não absolvemos os crimes do despotismo, ainda quando é illustradissimo, nós que entendemos que o proveito que se tira das reformas uteis não compensa a violação dos principios mais elementares de moral, temos de condemnar Sebastião de Carvalho, quando o vemos calcar aos pés a legalidade, e a conveniencia, como n'este lugubre exemplo da alçada do Porto.

(M. Pinheiro Chagas—*Historia de Portugal nos seculos XVIII e XIX*, pag. 161, 162 e 164.)

Esta maneira do snr. Pinheiro Chagas condemnar o marquez de Pombal não é má! Condemnar um homem, associando-se aos que lhe querem elevar um monumento, e fazer festas no seu centenario, é cousa que não podemos comprehendere. O snr. Chagas lá se entende, e nós bem o entendemos!

O nosso collega, o snr. Martins de Carvalho, redactor do «*Comimbricense*», anda publicando uns artigos ácerca do marquez de Pombal, e como resposta aos nossos; responder-lhe-hemos breve, e enquanto o não fazemos vamos amontoando pedras, para que não vão os lrs. levantar o seu monumento primeiro que o nosso.

ELIAS DE SAMPAIO.

## Secção Critica

### COISAS! COISAS!

Mais um insulto ao clero catholico na pessoa do Rev.<sup>mo</sup> coadjutor do abbade de Santo Ildefonso, da cidade do Porto! O nosso collega da *Palavra* dá-nos a noticia nos seguintes termos:

«Na sexta feira ultima (9 de outubro) por volta das cinco horas da tarde, passava na rua de Santa Catharina o rev.<sup>mo</sup>

snr. Padre Adriano Fernandes Gouveia, dignissimo Coadjutor do rev.<sup>mo</sup> Abbade da egreja de Santo Ildefonso, e ao chegar ao ponto onde aquella rua encruza com a rua Formosa, assaltaram-no quatro meliantes de gravata e cobriram-no dos epithetos mais affrontosos que se podem imaginar. No longo aranzel d'improperios torpes e obscenos, que nos foi mostrado, não achamos uma só palavra que pudessemos, sem faltar ao decoro, apresentar para amostra do audacissimo insulto. Mas por aqui podem já ajuizar da infamia commettida por esses vadios engravatados, que passeiam pelas ruas d'essa cidade, como cães ferozes e damnados para assaltarem o transeunte tranquillo e inoffensivo.»

Não admira! O Porto é o *baharte da liberdade*; da liberdade que se apoderou dos bens dos frades; que tornou desertas essas casas onde a moral christã era ensinada, e onde a caridade, mandada observar por Jesus Christo, era praticada todos os dias; da liberdade que chamou bens nacionaes ao patrimonio dos cabidos, das parochias e dos mosteiros onde se acolhiam as innocentes virgens do Senhor; da liberdade que apedrejou as irmãs da caridade, que as expulsou d'este reino e que ainda hoje, ás que não são estrangeiras, lhe dirige grosseiros insultos; da liberdade que ia para a porta da Sé da segunda cidade de Portugal insultar, maltratar o Bispo, e offeis, à sahida do *Te-Deum* celebrado em honra do Summo Pontifice; da liberdade que tem por sacerdotes o *Primeiro de Janeiro*, a *Lucta*, o *Seculo* e essa infinidade de periodicos que o garotismo de pé descalço, ao mando do garotismo engravatado, apregôa, mette à cara dos transeuntes nas ruas e praças das nossas cidades.

Não admira, os insultos ao clero catholico, porque esses insultos são os fructos do *liberalismo*, d'esse liberalismo que se festeja officialmente com repiques de sinos nas torres das egrejas catholicas!! com luminarias nos estal elecimentos publicos, e com feriados nas repartições do Estado.

Não admira que se insulte o padre em plena praça publica, porque se vae insultar o monarcha no proprio palacio regio, de envolta com os cortezãos que o rodeam. Mas o monarcha é filho da Revolução e pôde desculpar taes *brinquedos*; mas o padre, o ministro de uma religião que tem combatido essa Revolução em toda a parte que ella se apresenta, como hade desculpar taes excessos? E nós, os catholicos, os que choramos sobre as ruinas da patria e da Egreja portugueza, como reprimir a indignação que nos assalta ao saber factos eguaes ao que hoje nos transmite o nosso collega portuense?

Desenganemo-nos; ha dois campos que é forçoso distinguir bem: d'um lado está a cruz e em volta d'ella todos os catholicos; do outro lado está o *liberalismo* com os inimigos do Papa, com os insultadores do clero, com os calumniadores das irmãs da caridade. Os primeiros tem a consciencia tranquilla e oram, rezam pelas necessidades da Egreja e da sociedade; os segundos, que sabem o terreno resvaladiço em que se firmam, trabalham quanto podem para melhor se segurarem sobre as ruinas que amontoam. As suas armas são a imprensa, são o jornalismo impio que fazem entrar no sanctuario da familia. Enxotemos essa praga dos nossos lares, recommendemos aos amigos que os não leiam, façamol-os desaparecer e o padre será respeitado, a religião acatada, e a sociedade salva.

Guerra ao jornalismo liberalesco! guerra aos livros recheados de impiedade! guerra á Revolução!

A liberdade de que goza a França republico-Gambettista, tambem a vão já disfructando algumas terras portuguezas, se é que não foram portuguezes que primeiro violaram todas as leis das humanas liberdades.

Mas deixemos considerações que de nada valem perante os *factos consummados*, e transmittamos aos leitores do *Progresso Catholico* a seguinte noticia que para um jornal do Porto já um correspondente de Lisboa:

«Chegou hontem a mala de Macau. O conselho geral da provincia negou approvação aos estatutos da associação religiosa, que ali se pretende fundar, intitulada Sociedade de S. Vicente de Paulo, salvo se lhes forem feitas algumas alterações indicadas pelo mesmo conselho. N'essas alterações figuram: no artigo 1.º, acrescentar ás palavras—distribuir livros e jornaes religiosos e moraes—as seguintes—«depois de competentemente approvados pelo governador, por isso que não pôde ser legalmente auctorizada a distribuição de quaesquer obras destinadas a ensino, senão na conformidade das leis que regulam o ensino e a publicação e adopção de livros ou quaesquer escriptos a elle destinados.»

O conselho manda tambem eliminar o artigo 17.º por dispor obrigações de consciencia que são alheias ás attribuições que a associação pôde ter, e o artigo 19.º por dizer respeito á direcção espirital em que as jurisdicções civis não podem intervir.»

Que tal acham os nossos leitores a *patavinice* do conselho geral d'uma provincia do reino fidelissimo? Quem serão os illuminados que desconhecem as leis do reino? Não sabem aquelles senhores que em Portugal se dá carta franca ao

jornalismo estúpido e malcreado para cuspir insultos na pessoa respeitabilíssima do Summo Pontífice; para lançar pestifera haba sobre a memoria do mais amavel, do mais respeitavel, do mais santo dos Pontífices; para blasphemar da religião santíssima de Jesus; para chamar ao rei *regio salafriario*? Com que direito impede o conselho geral da provincia indiana que os filhos de S. Vicente de Paulo, do santo da caridade, espalhem jornaes e livros sem a approvação do governador? Julgará o governador de Macau que a Sociedade de S. Vicente de Paulo é composta de Magalhães Lima, Theophilo Braga, e outros que taes, que com uma mão levantam uma taboa do throno e com outra introduzem por baixo do mesmo throno o archote que envolven em chammas os melhores monumentos de Paris?

Coitado do Governador! Nem ao menos aprende com o marquez de Ripon, Vice-Rei da India ingleza, que faz parte da Conferencia de S. Vicente de Paulo!!

O partido do centro no Reichstag alemão, dirigiu um manifesto ao povo catholico, onde, entre outras, se notam as seguintes palavras:

«Não poderia obter-se um melhoramento e uma cura senão pelo preservativo da Religião de que vive o povo, pelo despertar dos sentimentos de fé christã, em que deveriam inspirar-se a instrucção, a educação, a sciencia, a legislação e toda a vida publica. Por isso, nós pedimos, em primeiro lugar, a liberdade d'acção para a Igreja, a derogação de todas as leis, que ferem a autonomia ou os direitos da Igreja, que fulminaram as nossas excellentes congregações religiosas e violaram os direitos d'indigenato garantidos pela Constituição.»

Quando teremos nós, os catholicos portuguezes, um partido em côrtes, que assim falle aos seus eleitores? E' facil a resposta, e facilimo o meio de alcançal-o.

Logo que os catholicos d'esta nação fidelíssima se congregarem, desprezando todas as conveniências partidarias, enrolando todas as bandeiras que demarcam os diversos campos politicos do paiz, e contornarem a unica bandeira que nos pôde salvar—a Cruz—e formarem um partido forte e respeitado, com vontade propria, teremos deputados catholicos nas casas do parlamento, veremos defendidos os direitos da Igreja, e o povo reconhecendo que os reis governam em nome de Deus, impor-lhe-hia, por meio dos seus representantes, e como faziam antigos portuguezes, as leis que mais lhe convém e ao engrandecimento da nação.

Emquanto, porém, os catholicos se absterem de fazer parte da tripulação da nau do Estado, e a deixarem entre-

que á rapacidade de meia duzia de aventureiros, que riem d'esta tonta abstinencia, Portugal caminhará certo para a perdição e a culpa, custe a quem custar, não é dos que dirigem mal a velha embarcação; é antes de quem melhor a podia dirigir e não o faz.

Na *Tribuna Portugueza* lê-se a seguinte curiosa noticia que nos tentou a transcrevel-a:

«O Grande Oriente do Brazil acaba de eleger o seu 9.º grã-mestre o conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira.

Teem tido equal dignidade os seguintes senhores:

1.º Conselheiro José Bonifacio de Andrade e Silva, 28 de março a 14 de setembro de 1822.

2. S. M. D. Pedro I, o imperador do Brazil, 14 de setembro 1822 a 1832.

3.º José Bonifacio Andrade e Silva, 3 de novembro de 1831 a 1838.

4.º Visconde de Albuquerque, 23 de novembro de 1838 a 1850.

5.º Marquez de Abrantes, 17 de maio de 1850 a 1863.

6.º Barão de Cayrú, 5 de novembro de 1863 a 1865.

7.º Conselheiro Joaquim Marcelino de Brito, 9 de abril de 1865 a 1870.

8.º Visconde do Rio Branco, 17 de março de 1870 a 1880.

9.º O actual, primeiro citado.»

Como se vê tem havido, com o que agora tem a honra incomparavel, 9 mestraços, incluindo n'este numero o *immortal dador, o rei soldado, o libertador de Portugal!!*

Ora é justamente por elle ter occupado tão *alto* cargo que os chafariqueiros do avental, não obstante terem-se desfeito d'elle, lhe fazem festas, exequias, missas, etc., etc., etc.

E os papalvos a julgar que tudo isso se fazia por elle ter *libertado* Portugal!! O *Antonio Maria*, que os conhece, dizia ha dias que *elle como rei merecia que o fizessem enterrado melhor que os outros*. Talvez com medo de o vêr cá fora outra vez.

UM LEITOR DE GAZETAS.

Secção Literaria

LAMENTO

À MEMORIA DE MEU PAE

Tu has de ouvir no céo, onde subiste, meu lastimoso canto.

Junqueira Freire—*Inspiração do claustr.*

Meu pae: assim morreste! a dôr immensa gelou-te o coração!  
Mas tinhas dôce fé na tua crença,  
no Rei da crença!

Tua alma foi gosar na immensidade a gloria do Senhor; foi pura receber na eternidade a lei do Redemptor!

Ai! pede n'essa luz indefinida, no vasto azul dos céus, um grato e puro bem á minha vida... a graça do meu Deus!

Não mais acordarás á dôr e o luto do leito da mudez!  
Bem cedo pagarei esse tributo... não tarda a minha vez!

Madeira.

JOAQUIM PESTANA.

VICTOR

ou

ROMA NOS PRIMEIROS TEMPOS DO CHRISTIANISMO

PELO P. F. GAY

Tradução do Padre Lima

(Continuação)

CAPITULO VII

Clemente e Domicilla

Chegou, alfin, esse dia desejado. Domicilla, docil á graça, disse a Nereo e a seu irmão que renunciava ao paganismo e queria ser christã, e que, por conseguinte, a ajudassem a preparar-se devidamente para que quanto antes podesse ser baptisada. Participada esta resolução a Clemente, este não quiz obrar precipitado, porque precisava de algum tempo para inteirar-se e convencer-se se ella era verdadeira e sincera; enfim, quiz provar Domicilla. Logo, porém, que se persuadiu da sinceridade e firmeza dos seus desejos elle mesmo a baptisou em presença dos dous christãos, que haviam sido para ella o instrumento das divinas misericordias. Confiou desde logo a neophita a um ancião muito seu familiar, a quem encarregou de proteger a virgem christã e d'acompanhal-a algumas vezes ás reuniões dos adoradores de Christo.

Este ancião era Auspicio, aquelle mesmo que acompanhava Domicilla n'aquella noite, em que ella foi descoberta por um delator, commissionado de espiar seus passos; pois o imperador, informado de que ella era ou parecia christã, queria certificar-se d'isto.

Ainda datava de pouco a primeira denuncia contra Domicilla: chegou aos ouvidos de Domiciano só pouco depois do casamento da sobrinha. O caso foi que ao inteirar-se de que havia sido promettida em casamento a Aureliano, a joven Domicilla não pôde disfarçar sua repugnancia perante pessoas muito affectas ao imperador, que era um dos

que manifestava tambem summos de sejos que tal casamento se realisasse.

A partir d'ahi, todas as acções e todos os passos de Domicilla eram cuidadosamente vigiados.

Muito longe de dissimular, Domicilla manifestava em alto e bom som sua formal recusa ao projectado matrimonio, sem explicar, todavia, as razões.

Só com Nereo e Aquileo, porém, é que ella era mais explicita.

—Como poderei eu permanecer fiel a Jesus Christo, lhes dizia, se me casar com um pagão?

Os dois christãos comprehendiam de sobra todos os perigos, que correria sua senhora, e por isso não podiam deixar de entristercer-se com ella e de animar-a a que recusasse o matrimonio e se determinasse antes a guardar perpetua virgindade.

—O' filha de Jesus Christo! lhe diziam; como poderás tu amar e servir a teu celestial esposo, quando fôr dever teu esforçar-te por não contrariar teu idolatra marido? Como tomarás tu parte nas orações dos christãos vivendo cercada das criminosas praticas do paganismo? Poderás dispôr d'algum tempo para elevar tua alma a Deus? Que farás ao ouvir blasphemar e maldizer de tudo o que de mais santo tu respeitavas e amas? Muito melhor te é abraçares os dulcissimos rigores da virgindade. A virgindade, essa virtude, que nos foi ensinada por Christo, é um thesouro de subido valor para os christãos, e tão amada pelo proprio Christo, que nos abre de par em par as portas da patria eterna, onde encontramos uma corôa que só poderá cingir aquella que se envolver nas alvas roupagens que soem trajar as virgens do christianismo.

Domicilla, que se sentia inclinada a abraçar estas ideias por certa propensão quasi irresistivel, por não sei que aspiração mysteriosa de sua alma, declarou a sua familia e a Domiciano que renunciava para sempre ao matrimonio: esta declaração, porém, serviu de confirmar a delação, e acabou de persuadir sua familia e o imperador, que não se haviam equivocado nas suas suspeitas e que Domicilla era effectivamente christã.

Aureliano, porém, logo que soube da negativa de Domicilla e sobre tudo da causa que a motivava enfureceu-se contra os christãos e contra a que julgava victima dos mesmos. Todavia, não perdeu de todo a esperança de arrancar-lhe o consentimento, parecendo-lhe impossivel que a delicada donzella podesse resistir a suas artimanhas. Temos occasião depois de ver o que este homem fez para proteger os perseguidores e lograr seu intento.

## VIII

## Victor Britannico

Antes de principiarmos a descrever a bella indole e o nobre caracter de Victor parece-nos conveniente referir alguns acontecimentos anteriores, que julgamos necessarios para se comprehender bem e avaliar com segurança esta alma predestinada.

Victor, ao perder sua mãe, que morreu muito joven, ficou privado d'aquella intelligente e delicada ternura, que tão necessaria é para bem formar o coração. Seu pae, porem, cuja bondade e energia corriam parelhas, havia supprido, quanto é possivel, a falta da mãe, dando a seu filho uma educação tão sollicita e esmerada, que se não igualava a maternal, ao menos lhe era mui semelhante; e d'est'arte deu ao coração do joven um caracter varonil, que o preservou dos males e perigos, que traz consigo a falta d'annos e d'experiencia.

Verdade é, que Sabino morreu precissamente na occasião em que seus conselhos eram mais necessarios a Victor; Deus, porém, dispensou sempre este menino uma protecção especial. Victor pertencia-lhe pelo baptismo, e Christo mostrava-se zeloso d'esta alma que era sua.

A um conjuncto de circumstancias, que não se podem deixar de considerar como providenciaes, deve o honesto patriocio, amigo intimo do pae, o ser nomeado tutor de Victor. E Publio, embora confiasse a cultura intellectual do joven a mestres instruidos, reservou-se o cnidar do seu coração, afastando-o de tudo que podesse ser lhe funesto: d'aqui se infere o respeito que os proprios pagãos consagravam á juventude. Victor, por sua parte, facilitava este intento com sua docilidade e precoce sensatez. Recusava associar-se aos meninos da sua idade, e preferia entreter-se a brincar em casa, á vista de seus tutores; e só muito mais tarde, é que principiou de tomar parte nos exercicios e jogos publicos, a que a juventude romana se entregava no campo de Marte.

Fóra d'isso, amava apaixonadamente o estudo; e na idade, em que ordinariamente se começa só a saber estudar, Victor possuia já vastos conhecimentos, provenientes dos mestres gregos e latinos.

Tinha especialissima tendencia para as artes, o gostava immenso de ouvir os oradores e os philosophos; havia até já entrado em polemica com elles, e por varias vezes obteve um exito notavelmente satisfactorio.

A não ser, como era, um dos mais nobres e ricos herdeiros de Roma, te-

ria sido incontestavelmente um artista distincto ou um orador consummado.

(Continúa).

## Secção Artistica

## O meu pensar acerca das artes portuguezas no seculo XIX?

## VII

(Continuado do n.º 24 do 3.º anno)

Nesses mesmos paizes o clero não duvida, associando-se, fundar *academias theologicas*, onde se discutem as mais difficeis questões da sciencia, indispensaveis para o bom desempenho do seu munus; *academias litterarias, artisticas, revistas de todos os generos, etc.*; uma grande parte do nosso, permanece indifferente a todo o movimento *scientifico, litterario ou artistico* e só aspira a passar os seus dias juncto da terra, que lhe deu o ser, agricultando os campos que herdou de seus paes, ou que pode alcançar com os seus pingues ou mesquinhos benesses; cumpre com os deveres do seu estado e beneficio, e contenta-se com ler algum jornal religioso, que tem a *vantagem* de apresentar as noticias, que os mais jornaes já deram ha muito, e de repetir quasi sempre, nos seus extensos artigos de fundo as mesmas idéas por palavras differentes.

O resto entrega-se nos braços da politica partidaria; e, tendo a mira só no interesse, vagalundeia d'um beneficio para outro beneficio. Procurando servir a *dois senhores*, commette muitas vezes actos, que rebaixam a sua dignidade, e que prejudicam a igreja e o estado; não cumpre, devidamente, com as suas obrigações; em vez de resar o seu breviario calcula o numero de votos que pôde arranjar para o seu partido; e, finalmente, em vez de lêr o que lhe seja util, lê novellas, e os jornaes da politica partidaria, onde a honra de muitos é, muitas vezes, posta em duvida!

A classe do clero, á qual, como no começo d'este meu escripto, disse pertencer, e d'isso me orgulho, unica talvez que no paiz, e em todo o mundo, tem um passado tão glorioso, era digna de melhor sorte; mas, emquanto não abandonar os mesquinhos interesses da politica partidaria, emquanto não forem destruidas as barreiras que separam cada um dos seus membros para formar como um só corpo, e observar, rigorosamente, o Evangelho e as leis da Igreja, continuará sendo o ludibrio de todos, até mesmo d'aquelles a quem ella dispensa a sua coadjuvação!!!

Mas a digressão já vai longa; — eu volto ao meu fío.

2.º Descobertas as vocações é necessário cultivar-as nos jardins apropriados: isto é, nas Academias; mas, ainda primeiro, compete ao clero bafejar as com o habito religioso para que não se inclinem para a terra e desfalleçam, antes se evolucionem e remontem ás alturas a colher as maravilhosas inspirações da arte.

3.º Conservem-se as duas Academias, que possuímos, mas sujeitem-se a uma reforma radical, para que possam denominar-se *normaes*; conservem-se os Institutos e todas as outras aulas de desenho, que acima indiquei, mas tanto aquelles como estas sujeitem-se, egualmente, a reformas.

4.º Nos pontos, porém, mais importantes do paiz estabeleçam-se pequenas escolas *artístico-industriaes*, onde, com mais ou menos desenvolvimento, se cultivem as artes em cada uma das suas multiplices e variadas applicações.

5.º Para a admissão tanto nas Academias como Institutos e escolas *artístico-industriaes* exija-se um curso preparatorio, mais ou menos desenvolvido; o qual, sendo estabelecido nos lyceus, dá occasião á suppressão das aulas preparatorias existentes nas Academias, e com esta medida poderão ser augmentados os ordenados dos respectivos professores dos cursos superiores.

Entre nós ha homens competentissimos para arcarem com similhantes difficuldades; e, quando os não houvesse, poderia ir uma commissão ao estrangeiro estudar os methodos d'ensino artistico e tudo o que lá se faz em favor das artes.

6.º Junto de todos os estabelecimentos artisticos, estabeleçam-se grandes ou pequenos museus (1).

7.º Incite-se o amor pelo estudo, con-

(1) Alem das das Academias temos: — o d'Evora fundado por um illustre prelado da Igreja Lusitana D. Fr. Manoel do Conaculo em Beja, e depois transferido pelo seu proprio fundador para Evora; — o de Santarem que está sendo estabelecido no antiquissimo templo de S. João d'Alporão, em cujo recinto funcionava, ainda não ha muito, um theatro; — o do Porto, pertencente á camara municipal, e finalmente os do Carmo de Lisboa e o do Instituto de Coimbra que já em outro lugar citei.

N'esta cidade de Braga, a princeza do Minho, tambem em 1876 o seu venerando prelado D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa intentou fundar um *Atheneu Archeologico*, mas não ponde realisar este seu tão louvavel intento.

A sua conveniencia n'uma cidade d'esta ordem onde a industria tem grande desenvolvimento, não soffre contestação. Apesar de ser uma cidade antiquissima poucos são os monumentos antigos que possui e que podem considerar-se como modelos, e ao abandono se encontram algumas preciosidades archeologicas de subido valor.

ferindo mais alguns premios pecuniarios a todos os alumnos que mais se distinguirem.

8.º Promovam-se, annualmente, exposições em todos os estabelecimentos artisticos, onde figurem os trabalhos n'elles realizados.

9.º Instrua-se o povo sobre a importancia das artes por todos os meios de propaganda que o nosso seculo possui, já por meio de conferencias (1), já por meio dos jornaes e opusculos distribuidos, principalmente, ás classes industriaes.

10.º Fundam-se grandes e pequenas bibliothecas artisticas junto de Academias e escolas.

11.º Faça-se com que o governo dê subsidio a maior numero d'individuos para irem estudar ao estrangeiro.

12.º Concedam-se garantias aos que se dedicam á carreira das artes, e não só de presente, mas tambem de futuro. Ha hoje entre nós uma classe que absorve grande parte dos rendimentos do estado, e que poucos serviços lhe presta; refiro-me á classe *militar*, sem duvida, a que goza de mais privilegios e garantias (2).

Os que a ella se dedicam começam logo a ganhar; e, desde que, concluindo os seus rapidos estudos, alcançam o primeiro posto superior, não pensam senão em passar ao immediato; e, allegando muitos e muitos serviços, queixam-se, continuamente, da *magreza* do seu soldo.

Têm servos gratuitos, collegios para seus filhos, hospitaes, montes-pios, reformas, e em summa, muitas vezes de pouca de sua morte pensões para suas mulheres e seus filhos, recolhimentos, etc.! Além de consumir grande parte dos

(1) O primeiro individuo (e talvez o unico), que entre nós tem feito conferencias sobre as artes, principalmente sobre a sua historia, foi o Ex.º Sr. Possidonio Narcizo da Silva, dignissimo presidente da Associação dos Architectos Civis Portuguezes, e Architecto da Casa Real.

Ignoro o anno em que S. Ex.ª abriu o curso de conferencias, e nem sei se, actualmente, elle existe.

No anno lectivo de 1871 a 1875 tiveram logar assim como em outros annos anteriores n'uma das salas do Museu do Carmo de Lisboa, ou antes n'uma das capellas da antiga igreja, e eu tive occasião de as ouvir. Deixaram-me excellentes impressões; porque, ao interesse que me inspiravam unia-se a belleza dos monumentos, assumpto sobre que ellas versavam, de todos os povos da antiguidade pintados com vivas cores em tela illuminada artificialmente.

(2) Os privilegios que o clero portuguez gozava, como recompensa dos seus muitos serviços, foram-lhe, em grande parte, soados totalmente, tirados em 1834 por serem odiosos em face da *moderna philosophia*; comtudo julgo, que, em nome da mesma *philosophia*, estão sendo concedidos privilegios ás classes *militar, commercial, e outras*. Que coherencia!

rendimentos do estado rouba-lhe os melhores braços para a agricultura e promove, em geral, a sua desmoralisação (1).

E' grande a sua influencia; porque, além de ser numerosa, occupa muitos e importantes logares, que não deviam ser por ella exercidos. Muitos dos seus membros estão no ministerio das Obras Publicas, principalmente, tirando logares a muitos architectos e engenheiros civis. Para grandes males grandes remedios.

(Continua).

Braga, Agosto de 1881.

P.º ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS.

### Secção Bibliographica

Cumprimos hoje o gratissimo dever, que nos impozemos, de fallar de um livro notavel a todos os respeitos, e que deve ser apreciado devidamente por todos aquelles que se dedicam aos estudos chorographicos do nosso paiz.

Quando outro merito não tivesse o livro que agora mesmo depomos, depois de o manusear detidamente, era bastante, para ser bem acceite, o saber-se que foi escripto nas horas vagas, que a um prelado deixam os muitos affazeres episcopaes. Mas tem outro merito por sem duvida, porque não vimos ainda escripta, com tanta proficiencia, a historia de uma povoação.

MEMORIAS DA VILLA DE OLEIROS E DO SEU CONCELHO é o titulo do precioso livro que nos occupa e é devido á penna, já bem conhecida, do Ex.º e Rev.º Sr. D. João Maria do Amaral e Pimentel, bispo de Angra, á benevolencia de quem devemos o exemplar com que fomos brindado, e que d'aqui, enquanto o não fazemos por outra fórma, o agradecemos cordealmente a S. Ex.ª Rev.ª

Como introdução dá-nos o preclaro auctor uma noticia descriptiva dos primeiros povoadores das Hespanhas e da Lusitania, em cujo trabalho sobresahe salientemente um profundo conhecimento da nossa historia antiga, um espirito investigador como é raro encontrar-se em quem, como S. Ex.ª Rev.ª, não descura dos importantes deveres que lhe impõe a alta jerarchia a que está elevado.

Depois segue a historia da villa de Oleiros, escripta como a sabe escrever o filho da terra que quer exaltar. Não escapou nada ao illustre auctor do livro. Tudo que em Oleiros ha digno de mencionar-se tudo foi descripto, tudo historiado, tudo apresentado á face da historia.

(1) Todos sabem o que são em geral os quartéis.

Monumentos, edificios publicos, familias importantes da villa e concelho; usos, costumes, rios, estradas, logares memoraveis, n'uma palavra tudo quanto póde interessar o archeologo, o geographo, o biographo, etc., ali está reunido, em um volume de 358 paginas de farto oitavo.

Abrilhamtam o volume uma estampa da Virgem Immaculada, patrona de Oleiros, e a quem o auctor dedica o seu trabalho, e o retrato de S. Ex.º Rev.º em vestes prelaticias, que muito estimamos possuir.

O custo d'esta obra, que muito honra a villa e concelho de Oleiros, é apenas de 500 réis. Qualquer numero de exemplares que nos sejam pedidos, de boa vontade os mandaremos vir de Angra do Heroismo.

As obras dos grandes homens é bom que se façam conhecidas.

—A cerca do livro ultimamente editado pela livraria Teixeira de Freitas, lemos no «Catholico», excellente periodico de Angra do Heroismo, de 30 de julho passado, o seguinte:

«Recebemos tambem e muito agradeçemos um novo livro do festejado escriptor catholico—padre Senna Freitas; é intitulado—«Dia a Dia d'um espirito christão».

Não nos julgamos competentes para avaliar justamente as produções d'um tão distincto escriptor; no entanto dizemos que, no nosso sentir, este livro é o que mais revella o grande talento do seu author. Tanta profundeza de pensar, tanta superioridade de ideias, tanta belleza de estylo—são recommendações demasiadas para a reputação d'um livro; são traços distinctissimos para aureolar de todo um nome.

Nós regosijamo-nos immenso com isto, porque o seu author é padre e catholico sem sobrenome; e porque pelo seu muito e utilissimo lidar, tem demonstrado á saciedade que as nações não contam melhores servidores do que aquelles que se inspiram na sublime philosophia do Evangelho.»

—Pela casa editora portuense de Clavel & C.ª foi-nos offertada um pequeno opusculo que nos parece de grande utilidade, e que por isso devemos recommendar. Tem por titulo—*A Trichina. Estudo d'este parasita, desastrosos effeitos que produz no homem e meios de evitar a trichinose*, e é escripto e dedicado ao povo, por D. R. Annes Baganha.

A *Trichina*, molestia ha pouco descoberta em Portugal e que affecta principalmente o gado suino, faz grandes estragos na vida do homem e tão grandes, que o governo tomou já algumas medidas para evital-as. O folheto de que nos occupamos, e que agradecemos aos editores, esclarece um pouco esta

questão, tão debatida hoje entre os homens da sciencia, e indica os meios de combater o terrivel mal.

—*Horas de piedade, ou orações selectas*, é o titulo de um pequeno livro que, com a appovação do Em.º Sr. Cardeal bispo do Porto, acaba de publicar em segunda edição o Sr. José Fructuoso de Fonseca. a quem se devem já muitas e importantes publicações com que nos tem mimoseado e cuja collecção apreciamos como devemos; razão porque sentimos a falta do *Alez de S. Francisco*, ultimamente dado á luz da publicidade, e que por esquecimento, certamente, nos não foi enviado.

O pequeno livrinho *Horas de piedade*, como do seu titulo se deprehende, é destinado a dar-nos alguns instantes cada dia em doces colloquios com Jesus, com Sua Santissima Mãe, etc., e por isso o recommendamos; pois temos a certeza de que é por meio da oração que as almas boas se aproximam mais da perfeição, e as que seguem caminho errado podem entrar na senda que as leve até Deus.

Eis o indice, que diz mais que quanto nós poderamos dizer:

«DEDICATORIA. Conforto na Tribulação. O meu Jesus Crucificado. Oração para alcançar o dom da humildade. Oração da B. Margarida M. Alacoque. Exame de consciencia, que se deve fazer todos os dias. Adorações e petições ás Chagas de Christo. Dez minutos diante de Nossa Senhora. Quinze minutos em companhia de Jesus Sacramentado. Oração para pedir saude para alguns enfermos. Methodo de assistir as Santo Sacrificio da Missa, com Orações indulgenciadas extrahidas da *Raccolta*. Pequeno Rosario das dezoito aparições de Nossa Senhora de Lourdes. Ladainha de N. S. de Lourdes. Ladainha da B. Virgem Maria. Novena do Santissimo Sacramento. Ladainha dos Santos. Oração para pedir perdão dos peccados. Oração pelo Summo Pontifice. Oração pela paz. Oração para a reza d'alma e do corpo. Oração pelos mortos. Oração para o principio de qualquer obra. Oração pelos vivos e defuntos. Provisão. Acto de fé. Acto de esperanza. Acto de caridade. Acto de contrição. Acto de attrição. Oração para antes da confissão. Oração para depois da confissão. Oração para antes da communhão. Oração para depois da communhão. Exercício da manhã. Breve offerecimento das obras do dia. Oração da noite. Devoção de S. José. Devoção dos sete domingos em honra de S. José. Visita a Jesus Sacramentado. Visita á Santissima Virgem Maria. Oração ao Anjo da Guarda. Corôa do Sagrado Coração de Jesus. Promessas feitas por Nosso Senhor Jesus Christo á

B. Margarida Maria. Hymno a Nossa Senhora. Canticos a Nossa Senhora. Cantico popular dos guardas d'honra do SS. Coração de Jesus.»

Custa apenas 40 réis. Vende-se na administração da *Palavra* e nas livrarias do paiz

—O fasciculo n.º 25, que acabamos de receber da *Theologia Moral*, por Pedro Scavini, chega a paginas 224 do 3.º volume. Os dois volumes concluidos custam 1800 réis cada um, e os fasciculos em publicação 140 réis. Assigna-se na livraria Academica, em Vizeu, e na de Teixeira de Freitas, em Guimarães. Da leitura que acabamos de fazer do presente fasciculo, parece-nos que vae sendo feita a impressão com mais cuidado, o que estimamos porque bem o merece uma obra de tal importancia.

—Vae adiantada a impressão do livro que anda traduzindo e publicando o Rev.º Sr. padre Chrispim Caetano Ferreira Tavares, que tem por titulo—*Supposto parentesco entre o homem e o macaco*. Alcança a paginas 144 o fasciculo que acabamos de lêr, e que devemos á lembrança do illustrado traductor. Muito desejamos vêr concluida esta publicação, que não deixaremos de recommendar sempre aos nossos leitores.

—O 2.º volume do interessante romance de Julio Verne, que devemos á obsequiosidade de editor o sr. David Corazzi. *A Casa a Vapor*, é prouhe de magnificas peripecias que prendem de uma maneira pasmosa a attenção do leitor. O desfecho do enredo é magnifico e cada um dos capitulos é uma detalhada descripção dos paizes onde domina, na India, a Gran-Bretanha, e dos usos e costumes dos selvagens indianos.

Pedir aos leitores de romances que preferam estes aos muitos que por ahí abundam, cheios de immoralidades, é dever nosso, assim como o de agradecer ao editor a offerta.

—Por falta de espaço reservamos para o n.º seguinte o fallar de outras obras que temos recebido.

A. DE GUIMARÃES.

**Entrou no 5.º anno da sua publicação o nosso collega da Nova Goa, «A Cruz». D'aquí enviamos cordaes parabens ao destemido soldado do catholicismo.**

### Retrospecto da quinzena

Principiamos esta revista dando parabens a Guimarães, porque uma das no- doas que mais o envergonhava peran-

te povos civilisados, desapareceu do seu brasão na segunda-feira 17 do corrente. Guimarães, que tivera dentro de seus muros todas as escolas que ha 40 annos se cursavam em Portugal fóra dos primeiros estabelecimentos litterarios do paiz; e que em épocas mais remotas tivera uma universidade no convento da Costa, onde os principes vinham de Lisboa estudar, chegou em fins do seculo dezenove, vergonha é dizel-o, a não ter mais que UMA ESCOLA DE INSTRUÇÃO PRIMARIA PAGA PELO GOVERNO!

As camaras municipaes, a quem corria o dever de livrar os povos que administraram da vergonha que os vexava, não curaram de tal e deixaram Guimarães ao nivel de uma pequena freguezia das montanhas do Gerez!

Foi necessario que da iniciativa particular partisse o saldar tão grande dívida. E saldou-se, graças à boa vontade, e patriotismo do ex.º sr. dr. Francisco Pedro Felgueiras, da nobre casa das lhortas, onde estabeleceu um collegio, destinado a espalhar pelos filhos de Guimarães o que só em estranhas terras podiam achar—a instrução secundaria.

Alguns vimaranenses, amigos da terra que os viu nascer, querendo secundar os esforços do ex.º dr. Felgueiras, promoveram uma subscrição pela cidade, para alcançar da actual vereação municipal um subsidio que alente, que escore a iniciativa particular para que á mingua de recursos, que sempre falham a empresas nascentes e d'esta ordem, não vá tão patriótico e civilizador estabelecimento desaparecer dentro em pouco.

Louvando o pensamento dos iniciadores da petição á camara, lembramos a esta que é um dever seu auxiliar, e, se tanto fór necessario, custear as despesas d'uma instituição que fará desaparecer o stigma que por tantos annos pezo sobre esta bella terra; porque com o subsidio abrirá as portas do collegio das lhortas a alguns rapazes com vocação para as lettras, e que se perderão não tendo a instrução á porta e de graça.

O Santo Padre Leão XIII, para desmentir as noticias dos *janeiros* e outros que taes, continua, louvores a Deus, a gozar de boa e vigorosa saude.

—Em França, enquanto Rochefort e Gambetta se guerreiam como o soem fazer figurões de laia tal, os catholicos e monarchicos reúnem-se diante dos santos altares para implorar a misericordia divina, a vêr se conseguem pôr termo aos males que affligem a patria de S. Luiz. E Deus escutará as preces d'esses verdadeiros filhos do reino christianissimo, e fará desaparecer do solo francez os demagogos, os inimigos de tudo

quanto ha digno de respeito sobre a terra.

O dia 29 de setembro foi o escolhido para esta manifestação politica e religiosa, por ser dia do patrono de França e anniversario natalicio do nobre, do honrado principe em que os francezes teem posto todas as suas esperanças, e que nos parece ser o unico remedio para os males que hoje esphacelam aquella nação.

—Estreitam-se cada dia mais as relações entre o Vaticano e a Alemanha.

Alguns jornaes espalharam a noticia de que por enquanto só havia negociações preliminares e nada mais; mas a *Correspondencia do Centro*, redigida pelo dr. Mayunke affirma o contrario, chegando a dizer que foi de principios que se tratou nas audiencias que tem havido a tal respeito, e que em breve chegará a Berlim o Nuncio de Sua Santidade, bem contra vontade dos revolucionarios que estão já a vêr o representante do Papi tratar directamente com o imperador, em quanto os representantes da igreja evangelica nacional apenas se correspondem com os ministros.

E' que os protestantes vão sentindo já o cheiro a *esturro* que os vae mortificando. Senão vejamos pela seguinte noticia que nos dá um collega: **Entre os dez mil e tantos associados** que frequentaram a reunião geral dos catholicos allemães contam-se **vinte e cinco deputados** do Reichstag, **um princepe, trinta e seis côndes, vinte e quatro barões**...

Será esta a causa que o espirito da época *aniquilou* e á que pertenceu o illustre Souza Monteiro, de quem choramos a morte, todos os que o admiravamos e tinhamos por mestre?

O nosso esclarecido collega lisbonense, *A Nação*, publicava ha dias a seguinte carta, que nós pedimos venia para transcrever para mostrar o quanto estimamos e agradece todas as provas que dão os portuguezes, de verdadeira veneração e respeitosa estima ao principe que agora chora, com a ausencia da patria a falta da esposa querida:

*«Meu Conde da Redinha.*

Depois de mezes de uma vida um pouco laboriosa, volto a passar alguns dias n'este azylo, fortificante por tantas memorias caras, perto da ultima morada do pae e da esposa.

Sobre a campa da sepultura d'esta está collocada uma corôa de flores, offerta de senhoras portuguezas, illustres e numerosas, symbolisando saudades e affectos, que muito me penhoram e me confortam n'esta orphandade d'alma.

Chegado, pois, a esta mansão d'affectos familiares, não quero tardar em expressar a todas essas senhoras os meus

agradecimentos, e em lhes significar quanto aquella memoria de nobres afeições e de gentis sentimentos me é suave conforto em tantas tristezas.

Rogo-lhe, caro Conde, seja junto das prezadas offerentes o interprete do meu profundo reconhecimento

Deus haja o Conde da Redinha em sua santa guarda.

*Dom Miguel de Bragança.*

Brounbach, 25 de setembro de 1881.»

Querem os nossos leitores saber como é que um bispo adquire a má vontade, as iras, as pedradas do garotismo engravatado de Portugal e suas illhas? E' fazendo o que faz o virtuoso prelado madeirense o Ex.º e Rev.º Sr. D. Manuel Agostinho Barreto. Vejamos o que a tal respeito nos diz a *Verdade* do Funchal, e admiremos o preclaro apostolo:

«Realizou-se no domingo 25 d'este mez, na igreja do Convento das Mercês, a festa do SS. Sacramento, vulgarmente conhecida na Madeira pelo nome de *Domingo do Senhor*. Foi celebrante o revd.º sr. padre Pacheco, que disse a sua segunda missa. Prégou o muito revd.º sr. padre Vilella, missionario, que fez um sermão doutrinal e repassado de unção religiosa.

S. Ex.ª Revm.ª, o muito digno e virtuoso Prelado Diocesano, quiz honrar aquella festa com a sua presença, visto que no dia anterior, por haver dado ordens a alguns clerigos, lhe não foi possível assistir á primeira missa do sr. padre Pacheco, seu familiar.

O nobre Prelado, no fim da festa, acompanhou a procissão juntamente com o clero e mais fieis. S. Exc.ª depois da visita pastoral a grande numero de parochias da sua diocese, onde administrou o sacramento da Confirmação ou Chrisma a muitos milhares de pessoas, precisava, por certo, de algum tempo de repouso. Mas o fervoroso zelo que o anima pela salvação de seus filhos espirituaes e dos seus cooperadores no ministério evangelico, não lhe consentiu alguns momentos sequer de descanso.

No mesmo dia em que regressou da visita, encerrou-se no Seminario, tomando parte, com grande numero de sacerdotes, nos exercicios espirituaes ou retiro, que alli preparara S. Ex.ª para o clero. No sabbado 24 ordenou clerigos, no domingo 25 foi assistir á festa e voltou para o seminario, onde continuou o retiro espiritual com os sacerdotes que vieram fazel-o na segunda serie.

Para tão illustre e virtuoso Prelado, para tão digno successor dos apóstolos, só pedimos larga vida e as benções do ceu, pois já lhe não faltam o respeito e admiração dos homens.»

O nosso collega da *Ordem*, fallando de Souza Monteiro, d'esse bravo solda-

do, que defendia nas fileiras do exercito catholico a religião santissima de Jesus, e ha pouco fallecido, como noticiáramos, dizia o seguinte referindo-se ás suas obras:

«... para immortalisal-o bastam a preciosissima colleccão do *Bem Publico*, terror dos liberaes, e as *Duas obras de misericordia*. A primeira terá seu merito á proporção que d'ella nos formos distanciando: mais para o diante será uma preciosidade, e é já um verdadeiro arsenal de rijas armas para o jornalista catholico. A segunda foi a sepultura de Alexandre Herculano: nada teve que responder apezar do seu mal soffrido e escondido orgulho, a esta refutação solida, energica, sabia e esmagadora, que pôde amarrotar as prosapias do improvisado mestre. Polemicamente Herculano morreu no dia em que lhe appareceu Souza Monteiro.»

Este livro, *Duas obras de misericordia*, foi editado em Guimarães, pelo mesmo editor do *Progresso Catholico*, em numero de 3:000 exemplares, de que restam poucos. Isto prova o quanto valia o seu auctor.

Como o Santo Padre aconselha que as esmolos do proximo Jubileu sejam especialmente applicadas para o obra da Propagação da Fé, da Santa Infancia, e das Escolas Orientaes, vamos indicar os nomes d'algumas pessoas que para isso estão auctorizadas a receber.

Da propagação da Fé são os seguintes em Braga: Padre Francisco Martins Farinha, Campo de Sant'Anna—Padre João Antonio Vellozo, rua de S. Miguel-o-Anjo, e Padre Manoel Martins d'Aguiar, rua do Souto.

Em Guimarães, Padre Antonio Joaquim Teixeira.

Em Barcellos, Padre Agostinho de Barcelinhos.

Povoa de Varzim, Fr. Sebastião de S. Luiz.

Em Vianna, o snr. Caetano Luiz da Silva.

Nos Arcos, Fr. Antonio dos Prazeres Ribeiro.

Para a Santa Infancia recebe em Braga o snr. Padre Luiz Gomes.

Para as Escolas Orientaes não sabemos quem esteja auctorizado a receber.

As esmolos entregues aos individuos que acima mencionamos podem chegar ás mãos das commi-sões centraes.

J. DE FREITAS.

## BOLETIM DO MONUMENTO

PIO IX, O GRANDE

Ha poucos dias recebiamos de Lis-

boa uma carta de um amigo, filho de Guimarães, a quem honra por suas virtudes e saber, e um dos collaboradores da nossa folha, que principiava por estas palavras:

«PARABENS! PARABENS!

Agora mesmo acaba de ser remetida ao digno Arcipreste d'essa cidade, padre Antonio Manuel de Mattos, a carta que para este, e fechada, mandou o Santo Padre Leão XIII ao Snr. Nuncio Apostolico, e que este me veio hontem á tarde trazer  *pessoalmente*, dando-me ao mesmo tempo parabens etc., etc.»

A carta de Sua Santidade, respondendo ao Protesto que a commissão promotora do monumento a Pio IX lhe havia dirigido, e de que o nosso amigo nos fallava, vae publicada nas primeiras paginas do presente numero.

Quando recebemos esta carta e que a de Sua Santidade chegou ás mãos da Commissão, fizemos logo imprimir um supplemento ao nosso periodico, principiando por transcrever a carta do Santissimo Padre, que ficará guardada como preciosa reliquia, e do Protesto da Commissão a que a carta respondia. Em seguida relatavamos o estado dos trabalhos realizados pela Commissão e publicavamos o seguinte:

### CONVITE

Os abaixo assignados, membros da commissão promotora do monumento a Pio IX, o Grande, querendo mostrar o seu reconhecimento e filial affecto pára com Sua Santidade o Papa Leão XIII. pela alta distincção com que se ha dignado acolher o seu pensamento e protesto, a ponto de conceder a Benção Apostolica não só aos membros da commissão, mas a todos aquelles que associando-se ao grandioso projecto que os preoccupa, concorrerem para a sua realisação, pedem a todas as corporações e a todos os habitantes de Guimarães illuminem suas casas na noite d'este dia, e deem todas as mostras de publico jubilo pela graça que approuve á Santidade do Summo Pontifice conceder-nos a todos.

Conta-se hoje tres mezes apenas desde o dia em que na Penha nos constituíramos em commissão, e, louvores a Deus, vemos a nossa idéa abraçada pelo paiz inteiro e abençoada por aquelle que representa na terra o mesmo Deus.

Parabens, pois, a todos nós!

O *Presidente* — Arcipreste Antonio Manoel de Mattos. *Vice-presidente* — Padre Francisco Antonio Peixoto de Lima. *Secretarios* — Padre Antonio José Ferreira Caldas, Padre Antonio Ferreira d'Abreu e Padre Antonio Affonso de Carvalho. *Thesoureiros* — Antonio José Ferreira Caldas e José Ferreira d'Abreu. *Vogaes* — Reitor João Antonio Vaz da Costa Alves, Antonio Martins

Pinto da Cunha, Antonio Joaquim de Mello, Lucinio Fernandes da Trindade, José Antonio Teixeira de Freitas, editor, e director do *Progresso Catholico* e Sebastião da Costa Vieira Leite, presbytero, addido á commissão promotora.

O supplemento era unicamente destinado para Guimarães e foi distribuido por todas as casas da cidade.

Escolheramos o dia 17 por ser o em que se completava 3 mezes depois que na Penha se formara a commissão. Eram quasi 9 horas da manhã quando se principiou a distribuir, tendo sido guardado o maior segredo até então.

Às 10 horas principiou a ouvir-se repicar o sino da igreja de S. Pedro, e em seguida, como que um fio prendesse de uma a outra torre, fizeram-se escutar os repiques em todas as torres da cidade. O espirito publico principiou a sair do seu estado habitual e a propria commissão dava-se já por satisfeita da maneira como fora recebido o seu convite, quando as harmonias das musicas se ouviam de diversas partes. Eram as duas philarmonicas de Guimarães que, entusiasmadas pela noticia que acabava de espalhar-se, sahiram percorrendo as ruas da cidade. Ao meio dia repetiram-se as mesmas demonstrações de regosijo, assim como ao meio da tarde, e ao toque das *Ave-Marias*.

À noite, antes das 8 horas a illuminação era geral na cidade; as musicas atroavam os ares, percorrendo as ruas, onde o povo, em massas compactas se apinhava, ou acotovelava. O alto da serra de Santa Catharina, sobre os penedos que abobadam a capellinha da Virgem, e junto ao sitio onde se ha-de erguer o monumento, estava illuminado, e de espaço a espaço, o estrodo das salvas chamava a attenção dos vimaranenses para o sitio onde se ha-de erguer a estatua do mais amavel dos Pontifices. O estampido das salvas tinha-se escutado durante o dia.

Na cidade havia casas que estavam illuminadas em todos os andares, e outras havia com illuminações a capricho.

A alegria dos vimaranenses adivinhava-se ao escutar-se o conversar dos diversos grupos que estacionavam nos largos, e nos sitios onde mais brilhante era a illuminação. Eram as alegrias dos filhos que se veem abençoados pelo Paé; era o santo contentamento que innundava os corações de dez mil catholicos por verem principiada uma obra que será, ao mesmo tempo que uma gloria da patria, um tempo de catholicos á cadeira de S. Pedro.

Foi uma festa verdadeiramente grandiosa! uma manifestação dos mais puros sentimentos catholicos!

## AGRADECIMENTO

A commissão agradece a maneira altamente imponente e festival como os vimaranenses em geral acceitaram a benção do Santissimo Padre Leão XIII, e accederam ao seu convite. Agradece com especialidade ás corporações religiosas, e ás duas philarmônicas que tão espontaneamente concorreram o mais possível para tornar geral o santo contentamento que inundou Guimarães ao saber-se a noticia de que o nosso protesto fôra recebido pelo Santissimo Padre Leão XIII com as mais distinctas provas de amor para com todos nós, e da notavel deferencia para com a terra que nos foi berço e para todo o reino, porque em todo o reino ha quem trabalhe pela grandiosa idéa que nos preoccupa.

E na impossibilidade de espalhar o presente n.º do *Progresso Catholico* com a profusão com que se espalhára o supplemento, a commissão, roga a todos os assignantes d'este periodico em Guimarães, tornem conhecido de todos os seus conterraneos o seu reconhecimento, e eterna gratidão.

A Commissão.

## Adhesões ao protesto da commissão

Da Veneravel Ordem Terceira de S. Domingos

Ill.º e Ex.º Sr.

A mesa da Veneravel Ordem Terceira da Milicia de Jesus Christo e Penitencia de S. Domingos d'esta cidade de Guimarães, reunida em sessão de 22 do corrente mez de setembro, dolorosamente impressionada pelos lastimaveis acontecimentos, que se deram em Roma na funesta noite de 13 de julho ultimo, e desejando por um tal acontecimento fazer sentir a S. S. o Papa Leão XIII o quanto os magoára tal desvario, que viera mais uma vez provar no seu odio implacavel que os impios nem aos mortos perdoam; resolveu desde logo e por unanimidade protestar energicamente, não contra os miseraveis, que apedrejaram as cinzas do venerando Pontifice, mas antes contra a idéa de que elles foram apóstolos incipientes.

Mas tendo esta corporação conhecimento de que a benemerita commissão promotora de um monumento ao Pontifice ultrajado, protestara já do modo mais energico e mais significativo, vem associar-se a essa manifestação essencialmente catholica, fazendo votos para que em breve se realice tão grandioso plano.

Deus guarde a V. Ex.º

Guimarães 23 de setembro de 1881.

Ill.º e Ex.º Sr. Presidente da

Commissão Promotora do monumento a S. S. Pio IX.

Prior, Domingos José de Souza Junior—Sub-prior, Antonio Joaquim da Costa Guimarães—Secretario, Francisco Joaquim da Costa Magalhães—Zelador geral, Manuel José da Silva Miranda—Mestre dos noviços, Manuel Antonio d'Almeida—Thesoureiro geral, Eugenio José da Silva—Caixa do hospital, José Joaquim da Silva Guimarães—Caixa dos entrevados, Manuel Joaquim Affonso Barbosa—Consultor, Francisco d'Assis Abreu Almeida—Thesoureiro do Sagrado Lausperenne, Manuel José Martins—Consultor, Luiz José Gonçalves Basto—Zelador da cerra, Francisco José Mendes Guimarães.

## VARIAS

Com todas as véras da nossa alma e com toda a energia de que somos capazes, adherimos ao Protesto da Commissão promotora do monumento a Pio IX, o Grande, publicado no *Progresso Catholico*, contra os ultimos attentados de Roma.

Braga, 19 de setembro de 1881.

O padre Manuel Joaquim Martins e sua familia.—Antonio Silverio de Paiva e sua familia.

Sr. director do *Progresso Catholico*—Guimarães—Villa Nova d'Ourem 20 de setembro de 1881.—Reiterando o protesto que fiz na *Ordem* de 24 d'agosto ultimo contra os inauditos e execrandos attentados cometidos em Roma contra a trasladação dos restos mortaes do Santissimo Padre Pio IX, tenho a honra d'enviar a minha adhesão ao Protesto publicado no *Progresso Catholico* de 15 do corrente.

João Maria Cotter Gentil de Faria, escrivão de direito.

Receba o meu amigo a minha mais plena adhesão ao protesto contra o infamissimo proceder dos maltrapilhas que insultaram as venerandas cinzas do immortal Pio IX, faltando assim ao respeito que todos os povos, ainda os mais selvagens, tributam aos mortos.

Villa Nova de Portimão.—José Joaquim Nunes.

Manifesto a minha adhesão ao protesto contra o nefando attentado perpetrado nos dias 13 de julho e 7 de agosto na cidade de Roma, pelos inimigos da nossa santa religião, ás venerandas cinzas do Nosso Santissimo Padre Pio IX, de saudosa memoria.

O prior, Joaquim Martins Pinto.

Adherimos ao protesto da commissão promotora do monumento a Pio IX.

Jugueiros 28 de setembro de 1881.

Duarte Leite Bragança—Joaquina Martins de Jesus Bragança.

Levo hoje ás mãos de V. por meio do correio a quantia de 2\$250 réis, para o monumento projectado a Pio IX, e ao mesmo tempo declaro que faço adhesão ao protesto que a commissão do mesmo dirigiu a Sua Santidade Leão XIII.

Porto 6 de outubro de 1881.

José Pinto da Cunha e Souza.

No proximo n.º continuaremos a publicação dos muitos protestos que diariamente nos chegam de varios pontos do paiz, e que é impossivel publicar todos juntos.

Sua Magestade a rainha, a quem a commissão se dirigiu, pedindo-lhe, como afilhada do chorado Pontifice, concorresse para uma obra, que, perpetuando a memoria d'Aquelle que combateu a todo o transe a Revolução em todas as phases, será tambem um padrão erguido á suprema magestade na terra, d'onde emanam todos os poderes, sem os quaes nem os reis governam nem os legisladores teem direito de decretar leis, annuiu aos pedidos da commissão por meio de uma carta em que patenteia a sua adhesão ao arrojado pensamento, subscrevendo, por essa occasião, para obra tão grandiosa.

## SUBSCRIÇÃO PARA O MONUMENTO

Transporte do n.º 23 do 3.º anno . . . . .	314\$750
José Castanheiro dos Santos, de Villa do Conde . . . . .	100
Padre Bernardino José Ribeiro, de Villa do Conde . . . . .	400
José Pinto da Cunha e Souza, do Porto . . . . .	2\$250
Duarte Pereira Dias Ribeiro, de Vianna do Castello . . . . .	1\$000
Francisco Dias Bernardo, Santarem . . . . .	500
Prior Antonio Farinha de Figueiredo, de Certã . . . . .	500
Padre Manuel Osorio Gonçalves, Faro . . . . .	4\$500
Anna Maria da Costa, de Guimarães . . . . .	200
A. A., de Guimarães . . . . .	300
Padre Francisco dos Santos e Cunha, de Castello de Paiva . . . . .	2\$250
Conego Joaquim de Souza Guedes Aguiar, de Guimarães . . . . .	1\$500
Abade Antonio José Rodrigues Candido, de Guimarães . . . . .	10\$000
Anna Rosa do Valle, de Guimarães . . . . .	1\$000
	<hr/>
	339\$250

*Do Mensageiro do Coração  
de Jesus.....* 16\$800

Somma.... 356\$050

(Continúa).

A commissão annuncia desde já que foi escolhido o dia 10 de abril proximo, segunda-feira de Paschoa, para o lançamento da primeira pedra do monumento, por ser o dia em que ha 63 annos o chorado Pontifice recebera ordens de presbytero, conferidas pelo Arcebispo Pietro Caprano. N'esse mesmo dia se realisará uma peregrinação do clero e feis do concelho de Guimarães á gruta-ermida da Virgem do Carmello, edificada entro as rochas da Penha, junto do sitio onde se hade erigir o monumento.

## CORREIO SEM FRANQUIA

Cartas recebidas desde o dia 12 de outubro a que não podemos responder por outra via, do que pedimos desculpa.

Dos Ex.<sup>mos</sup> e Ex.<sup>mas</sup> Snr.<sup>as</sup>:

—Padre Joaquim Gomes Lobarinhas.—Tomamos nota e satisfizemos.

—Abade Luiz Antonio Barboza.—Tomamos nota das assignaturas, e muito agradecemos.

—Theodoro João Henriques.—Fica pago o 4.º anno, e enviamos os numeros pedidos.

—D. Maria Izabel do Quental.—Fica paga a assignatura do 4.º anno, que agradecemos.

—Joaquim Pestana.—Recebemos, tomamos nota, e sempre agradecidos.

—Apparicio Augusto da Cunha Sampaio.—Fica pago o 4.º anno, que agradecemos.

—Antonio José Corrêa Ramalho.—Tomamos nota. Os numeros foram enviados, como ordenou, para Paredes—Terras do Bouro, enviamos outros.

—Manuel Luiz Coelho da Silva.—Tomamos nota de tudo.

—Manuel Dias da Silva Carneiro.—Fica pago o 4.º anno, que agradecemos. *Theresa de Jesus* não está ainda publicada. Copiaremos do *Mensageiro* o protesto e subscrição, que agradecemos.

—Padre Manuel Joaquim Pereira de Carvalho.—Tomamos nota e enviamos o que pediu.

—Frei Agostinho de Nossa Senhora das Dores.—Fica pago o 3.º e 4.º anno, agradecemos tudo que nos deseja, faremos a mudança, e faremos a outra quando fizermos novas cintas, que será em breve.

—Padre Francisco Balthazar de Sá Araujo.—Fica pago o 4.º anno; agradecemos.

—Padre Francisco Antonio Rebello.—

Tomamos nota das 3 assignaturas para o 4.º anno, que agradecemos, e faremos o que nos ordena.

—Padre Antonio Pedro dos Santos Caio.—Fica pago o 4.º anno, que agradecemos, e sentimos a noticia triste que nos dá.

—Padre Justino Albano da Silva.—Tomamos nota.

—Francisco Dias Bernardo.—Recebemos a quantia enviada, e faremos a distribuição indicada, como verá. Agradecemos tudo e tudo cumprimos.

—Manuel Vicente Novo Junior.—Enviamos os numeros pedidos.

—Padre Joaquim José Soares.—Fica pago o 4.º anno, que agradecemos.

—José de Souza Guerreiro.—Tomamos nota.

—Recebemos o postal que agradecemos. A conta é como aponta.

—Prior Antonio Fariña de Figueiredo.—Fica pago o 1.º e 2.º fasciculo de *Pio 9.º* e o resto entrou na subscrição para o monumento, como ordenou: agradecemos.

—Padre Manuel Osorio Gonçalves.—Recebemos e tudo agradecemos. Fica pago o 4.º anno, e o resto vae para o monumento. Protesto irá no n.º seguinte, e merece um bravo!

—Duarte Pereira Dias Ribeiro.—Tomamos nota e agradecemos. Vamos mandar procurar edição mais barata, e se houver vae.

—Antonio Gomes Pereira.—Tomamos nota.

—Dr. João Maria Cerqueira Machado.—Recebemos o importe do 4.º anno, que agradecemos.

—Padre Venancio da Costa Oliveira.—Tomamos nota e agradecemos. Enviamos o livro pedido. *Inquisição* para março.

—Dr. Engenman.—Tomamos nota.

—Joaquim Marques Ferreira.—Tomamos nota e agradecemos. *Pio 9.º* 3.º breve.

—Padre João Emygdio Rodrigues da Costa.—Fica pago o 3.º de *Pio 9.º*, 2.º *Papas*, enviamos o 3.º e 4.º d'esta, tomamos nota da nova assignatura, e agradecemos tudo e mais ainda se qualquer quantia a enviar vier antes em vale do correio.

—D. Laura Lencastre.—Recebemos, tomamos nota, e satisfaremos todas as determinações, que agradecemos como é dever nosso.

—Joaquim Moreira Maia.—Mudamos a direcção á mencionada assignatura, e tomamos nota do mais.

—Padre Manuel dos Santos Cabral.—Vae ser distribuido o 3.º fasciculo.

—Padre Antonio Joaquim da Silva.—Recebemos a quantia enviada, com que fica pago o 4.º anno, e livro remettido.

Tomamos nota da assignatura para a

*Historia da Inquisição* e agradecemos tudo.

—José Nunes.—Tomamos nota das 8 assignaturas.

—Dr. Abilio Joaquim Pinto da Silva.—Enviamos o numero pedido. Tomamos nota da assignatura. Fasc. breve sahirá.

—José Nunes.—Reformamos a assignatura.

—Padre Miguel Ferreira Diniz.—Reformamos as 3 assignaturas, que agradecemos.

—Padre Antonio Pallas Pereira.—Recebemos, tomamos nota e agradecemos. O livro offerecemos, como deviamos.

—Padre Manuel José Valente.—Recebemos o importe do 4.º anno, que agradecemos. Os 500 réis que mandou para a *Gazeta do Bibliophilo* ficam de conta de V. Rev.<sup>ma</sup> porque a *Gazeta* tem sido distribuida gratis. Diga o que se lhe deve fazer.

—Theotónio Manuel Ribeiro Vieira de Castro.—Recebemos a importancia da conta enviada e do 4.º anno, que continuamos a enviar para Roma.

—Padre Jacintho Antonio Rodrigues.—Fica pago o 3.º e 4.º; agradecemos.

—Prior Joaquim da Silva.—Enviamos o livro pedido, 400 réis. O outro não temos. Agradecemos o mais.

—Luciano Manuel Lopes.—Fica pago o 3.º anno, tomamos nota da assignatura do 4.º e agradecemos.

—Padre Francisco dos Santos e Cunha.—Recebemos a quantia enviada, tomamos nota de tudo, e penhorado agradecemos a adhesão, subscrição e serviços feitos.

—Domingos Jorge da Costa Amorim.—Fica pago o 4.º anno; agradecemos.

—Padre Bernardo Homem Corte Real.—Recebemos a importancia das 3 assignaturas para o 4.º anno, e muito agradecemos o novo auxilio prestado.

—José Bernardo Alves de Moura Guerra.—Fica pago o 4.º anno, e enviamos o n.º pedido.

20 de setembro de 1881.

TEIXEIRA DE FREITAS.

## EXPEDIENTE

**Pedimos a todos os nossos assignantes que não mandem estampilhas em pagamentos, a não ser até á quantia de 800 réis, e isto sendo em estampilhas postaes de 2 e meio réis, 5 réis, 10 réis e 20 réis porque não gastando nos de outras, e não as podendo vender, de nada nos servem. No correio passam-se vales de todas as quantias.**

TEIXEIRA DE FREITAS.